



ANUÁRIO DO CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

VOLUME 3



ORGANIZAÇÃO:
**NÚCLEO DE PESQUISA, EXTENSÃO E
PÓS-GRADUAÇÃO DO CURSO DE TERAPIA
OCUPACIONAL (NUPETO)**
**COORDENAÇÃO DO CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL DA
UEPA**



Volume 3

Organizadores:
Érica de Nazaré Marçal Elmescany de Oliveira
Coordenadora Geral do Núcleo de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação do Curso de Terapia
Ocupacional-NUPETO

Gisely Gabrieli Avelar Castro
Coordenadora de Trabalho de Conclusão de Curso TCCTO/ NUPETO

Débora Ribeiro da Silva Campos Folha
Coordenação do Curso de Terapia Ocupacional da UEPA

Projeto gráfico:
Gisely Gabrieli Avelar Castro
Luana Carla da Silva Furtado
Rayanne Nazaré de Oliveira Alves

Editoração gráfica:
Gisely Gabrieli Avelar Castro
Luana Carla da Silva Furtado
Rayanne Nazaré de Oliveira Alves

Instituição responsável:
Núcleo de Pesquisa, Extensão e Pós-graduação do Curso de Terapia Ocupacional - NUPETO
Universidade do Estado do Pará (UEPA). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.
Travessa Perebeuí, 2623, Marco, Belém, Pará, CEP 66087-662.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UEPA / SIBIUEPA

Anuário do curso de terapia ocupacional, 3: 2023 / Organização Érica de Nazaré Marçal Elmescany de Oliveira, Gisely Gabrieli Avelar Castro, Débora Ribeiro da Silva Campos Folha. – Belém: UEPA, 2024.
70 p.: il.

Anuário elaborado pelo Núcleo de Pesquisa, Extensão e Pós-graduação do curso de Terapia Ocupacional (NUPETO), Coordenação do curso de Terapia Ocupacional – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2024.

1. Terapia ocupacional. 2. Ensino e pesquisa. 3. Atuação profissional.
I. Oliveira, Érica de Nazaré Marçal Elmescany de, org. II. Castro, Gisely Gabrieli Avelar, org. III. Folha, Débora Ribeiro da Silva Campos, org. IV. Universidade do Estado do Pará. V. Título.

CDD 22. Ed. 615.8515

Elaborada por Josicléia Garcia Vieira - CRB-2/562.

APRESENTAÇÃO

Estamos diante do **Anuário do Curso de Terapia Ocupacional** em seu Volume 3, uma produção do Núcleo de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação do Curso de Terapia Ocupacional (NUPETO), em parceria com a Coordenação do Curso de Terapia Ocupacional (CTO) da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

E com muita alegria anunciamos que esta edição segue caminhando no processo de facilitar a publicização de produções científicas do Curso de Terapia Ocupacional da UEPA, e com a novidade de a partir dela, contar com o ISSN, o que favorece a notoriedade no meio acadêmico-científico.

Neste volume, estão contidos manuscritos de três perfis: resumos expandidos dos projetos de pesquisa e extensão concluídos no ano de 2023; resumos expandidos dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCTO) concluídos no ano de 2023 e um resumo expandido que compõem a seção especial deste volume, referente ao memorial da Profa. Dra. Ana Irene Alves de Oliveira, afastada de suas atividades docentes para fins de aposentadoria.

Os resumos de projetos de pesquisa e extensão em suma, tratam de temáticas sobre a saúde mental e estresse dos estudantes do curso de terapia ocupacional, sobre a reabilitação de pessoas com hanseníase, estudo laboral sobre apanhadores de açai e sobre as ocupações em cenário de educação dos anos iniciais.

Enquanto que a seção sobre os TCCTO, versam sobre pesquisas de campo, para o público de pessoas com TEA tratam da separação parental e suas AVD, AVD alimentação e disfunção de integração sensorial; Há pesquisas também sobre ocupações e envelhecimento, mulheres em situação de violência doméstica, estudos na perspectiva cultural para quem frequenta festas de aparelhagem e na experiência de idosos com a arte, além de estudo sobre co-ocupação familiar ressaltando a contação de histórias. O anuário se encerra com os registros da trajetória de uma docente que muito contribui para a Terapia Ocupacional no Pará e com notoriedade no Brasil: Dra Ana Irene Alves de Oliveira.

Desejamos uma boa leitura!

Profa. Dra. Érica de Nazaré Marçal Elmescany de Oliveira

Coordenadora Geral do NUPETO Gestão 2023-2025 (Portaria UEPA nº 393/2023)

SUMÁRIO

SEÇÃO - PROJETOS DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

PAE na reabilitação de pacientes com sequelas da hanseníase no contexto amazônico: experiência extensionista	02
As condições laborais do apanhador de açaí no município de Muaná - PA: Uma análise ergonômica.	06
Papéis ocupacionais e saúde mental de acadêmicos de Terapia Ocupacional	12
Estruturação da rotina típica do ensino fundamental I sob um viés ocupacional	16
Terapia Ocupacional na hanseníase: intervenção para reabilitação de sequelas e recuperação do desempenho ocupacional.	20

SEÇÃO - TRABALHOS DE CONCLUSÃO DO CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL (TCCTO)

Reflexos da separação parental nas atividades de vida diária (AVD) de crianças com TEA	26
Ocupações ao envelhecer: a perspectiva do idoso acerca do seu desempenho ocupacional e sua autonomia.	30
Percurso de atuação em terapia ocupacional junto a mulheres em situação de violência doméstica.	35
Cidadania cultural e engajamento ocupacional de frequentadores de festas de aparelhagem: diálogos entre Participar e Pertencer.	40
A interface arte, cultura e saúde no suporte psicossocial a idosas: apontamentos da Terapia Ocupacional.	45
A atividade de vida diária da alimentação de crianças com Transtorno do Espectro Autista e disfunção de Integração Sensorial.	50
A contação de histórias enquanto co-ocupação familiar: concepções terapêuticas ocupacionais.	55

SEÇÃO ESPECIAL - MEMORIAL

Trajetória acadêmica, profissional e clínica: minhas experiências na Terapia Ocupacional	61
--	----

ANUÁRIO DO CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

Projetos de ensino,
pesquisa e extensão



SEÇÃO



PAE NA REABILITAÇÃO DE PACIENTES COM SEQUELAS DA HANSENÍASE NO CONTEXTO AMAZÔNICO: EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA

Liliane José de Moura
Especialista em TEA: intervenções Multidisciplinares em Contextos Intersetoriais
(UEPA)
Universidade do Estado do Pará, Brasil
lilyanimoura@gmail.com

Elisa Anjos da Silva
Mestra em Letras (UNIFESSPA)
Universidade do Estado do Pará, Brasil
elisa.adsilva@aluno.uepa.br

Nonato Márcio Custódio Maia Sá
Doutor em Doenças Tropicais (PPGDT/Núcleo de Medicina Tropical-NMT-UFPA)
Universidade do Estado do Pará, Brasil
marciosa@uepa.br

OBJETIVO

O projeto de Extensão objetivou demonstrar como as abordagens terapêuticas aplicadas por meio do Protocolo de Atividade Exercício (PAE), podem contribuir significativamente para a melhoria da qualidade de vida, autonomia e reintegração social de pacientes com hanseníase, ressaltando-se a relevância da Terapia Ocupacional e o uso de tecnologia assistiva no processo de reabilitação, com atenção para pacientes que não receberam tratamento precoce ou que interromperam o tratamento.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência com abordagem qualitativa, descritiva e exploratória. As atividades ocorreram no âmbito do Projeto de Extensão "Reabilitação e Tecnologia Assistiva: Protocolo de Atividade Exercício para Pacientes com Incapacidade decorrente da Hanseníase", com participação de acadêmicos de Terapia Ocupacional dos campi de Marabá e Belém, da Universidade do Estado do Pará (UEPA). O projeto envolveu a aplicação do Protocolo de Atividade Exercício (PAE) e a confecção de dispositivos de tecnologia assistiva de baixo custo, visando a reabilitação funcional de pacientes com incapacidade decorrente da hanseníase. Além disso, visou-se destacar a descentralização do ensino e da tecnologia assistiva na Amazônia. A seleção dos participantes foi baseada em desempenho acadêmico e interesse nas áreas de reabilitação e tecnologia assistiva.

As atividades foram organizadas em dois turnos, separando um momento para estudos teóricos e outro para a parte prática do projeto, realizado no Laboratório de Tecnologia Assistiva (LABTA).

Os métodos empregados incluíram avaliações clínicas, reabilitação funcional, treinamento em tecnologia assistiva e a criação de dispositivos adaptados em si. As técnicas abrangeram a confecção de órteses, a realização de exercícios terapêuticos, a orientação e treinamento dos pacientes, bem como o acompanhamento de progresso ao longo do projeto.

A prática incluiu a confecção de uma órtese de membro superior, a Goteira Ulnar, utilizada para prevenção do avanço da deformidade e preservação das regiões de mobilidade da mão, no qual geralmente há um dano no nervo ulnar, sendo o primeiro a ser acometido pela hanseníase. A avaliação do projeto incluiu a análise do impacto da reabilitação funcional na vida dos pacientes hansenianos, dessa maneira espera-se a melhoria da mobilidade, da qualidade de vida e da independência destes pacientes.

RESULTADOS

Os resultados do projeto demonstraram que a aplicação do Protocolo de Atividade Exercício (PAE), aliado à utilização de tecnologia assistiva, contribuiu significativamente para a reabilitação de pacientes com incapacidades decorrentes da hanseníase, principal doença de notificação compulsória causadora de incapacidade física permanente. Essa característica remete à necessidade do desenvolvimento de ações que tenham como objetivo prevenir, tratar e reabilitar as incapacidades físicas e deformidades visíveis em decorrência da doença. A prevenção das incapacidades físicas é definida por um conjunto de ações que englobam: o diagnóstico precoce, o tratamento e acompanhamento das reações hansenianas e da função neural, ações para promoção do autocuidado, fisioterapia e cirurgia (preventiva e reabilitadora), tratamento de úlceras, acesso a OPM, dentre outras, que devem estar disponíveis de acordo com a complexidade do nível de assistência à saúde, de forma a garantir a integralidade do cuidado à pessoa acometida pela hanseníase (Brasil, 2022).

Além disso, a hanseníase é classificada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como uma doença tropical negligenciada, estreitamente associada à pobreza, caracterizada “por alteração, diminuição ou perda da sensibilidade térmica, dolorosa, tátil e força muscular, principalmente em mãos, braços, pés, pernas e olhos, e pode gerar incapacidades permanentes”, caso a pessoa não seja tratada. (Brasil, 2022).

O Protocolo de Atividade Exercício (PAE) é um estudo do componente de desempenho força muscular (FM) em pacientes hansenianos com incapacidades decorrentes

de dano neural nas mãos, para reabilitar o referido componente de desempenho e, como forma de derivar ganhos de independência na realização das atividades relacionadas às diferentes áreas de desempenho funcional. o estudo para a efetivação do PAE, foi realizada a descrição das características demográficas e clínicas da população de estudo, onde se verificou a força de preensão palmar e a força de preensão em pinça antes e depois do tratamento com o (PAE), através de avaliação específica, com o uso da dinamometria e feita a correlação entre fatores demográficos e clínicos com a FM das pressões palmar e pinça, após as intervenções terapêuticas ocupacionais com o PAE. (Sá, 2014).

A atividade é um instrumento terapêutico utilizado pelo Terapeuta Ocupacional que seleciona, analisa e adapta a atividade a cada indivíduo e situação. divide-se em fases, observando e determinando os aspectos motores, psíquicos, sensorio-perceptivos, socioculturais, cognitivos e funcionais necessários a sua realização. o valor terapêutico da atividade se estabelece a partir dos seus diversos níveis de potencialidade, no intuito de satisfazer as demandas da pessoa envolvida em determinado processo terapêutico. (Pedral & Bastos, 2008 *apud* SÁ, 2014, 40).

Observou-se a melhora na mobilidade, qualidade de vida e independência dos pacientes acompanhados. O protocolo PAE teve grande relevância na medida em que há grande incidência de pessoas acometidas pela hanseníase no Brasil, e principalmente na região Amazônica. Os dispositivos adaptados, como órteses de baixo custo (a exemplo, a confecção de palmilhas para pé hansênico, feitas com plastazote, grãos de feijões crus, cola de contato, napa, Etileno Acetato de Vinila (EVA) 4MM e esponja de lavar louças) foram eficazes no atendimento às necessidades funcionais dos indivíduos. Além disso, o projeto proporcionou uma experiência prática enriquecedora para os alunos extensionistas, promovendo o desenvolvimento acadêmico e profissional na área de Terapia Ocupacional e tecnologia assistiva.

CONCLUSÃO

O projeto de extensão destacou a importância da reabilitação funcional e da tecnologia assistiva no tratamento de pacientes com sequelas da hanseníase, especialmente na promoção da autonomia e reintegração social. A utilização do Protocolo de Atividade Exercício (PAE) foi fundamental para a melhoria das condições de vida dos pacientes, demonstrando a relevância da Terapia Ocupacional nesse contexto. Além disso, a experiência proporcionou um ambiente de aprendizagem prática para os alunos, integrando teoria e prática de forma inovadora, e promovendo o desenvolvimento de dispositivos de baixo custo

para atender às necessidades da comunidade amazônica, reforçando a descentralização da assistência.

Todos esses desafios ressaltam a importância de abordar a hanseníase entendendo a abrangência da doença, tanto no âmbito clínico (físico e emocional), sociocultural, como educacional, o que nos leva a entender que é necessário implementar estratégias que promovam a conscientização da população, mostrando os riscos de incapacitação que se tem quando a doença não é tratada adequadamente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da Hanseníase**. Brasília, Ministério da Saúde, 2022. Disponível em:
http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_diretrizes_therapeuticas_hanseníase.pdf. Acesso em 28 de out de 2023.

SÁ, Nonato Márcio Custódio Maia. **Efetividade da Atividade Exercício sobre o componente de desempenho da força muscular em pacientes hanseníase com incapacidade decorrente de dano neural nas mãos**. UFPA, Belém, PA, 2014.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia Ocupacional. Protocolo de Atividade Exercício (PAE).

Tecnologia Assistiva. Hanseníase. Reabilitação Funcional.

AS CONDIÇÕES LABORAIS DO APANHADOR DE AÇAÍ NO MUNICÍPIO DE MUANÁ – PA: UMA ANÁLISE ERGONÔMICA

Bianca Matos da Cruz
Terapeuta Ocupacional
Pós-graduanda em Psicomotricidade e Desenvolvimento Humano
Universidade Estácio de Sá
biancamatos.to@gmail.com

Paulo Vitor Santos da Silva
Mestrando em Psicologia
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil
paulo.silvavi30@gmail.com

Adrielle Cristine Jimenes Pereira
Residente em Saúde da Mulher e da Criança
Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará
adrielle.jimenes@gmail.com

Nonato Marcio Custódio Maia Sá
Doutor em Doenças Tropicais
(PPGDT/NMT-UFPA) Universidade do Estado do
Pará, Brasil
marciosa.uepa.br

OBJETIVO

Este estudo teve como objetivo investigar as condições laborais dos apanhadores de açaí do município de Muaná, localizado na ilha do Marajó, baseando-se na Análise Ergonômica do Trabalho (AET).

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa, de caráter exploratório, descritivo, de corte transversal e prospectiva. Foram estudados 40 extrativistas, sendo de ambos os sexos e com idade entre 18 e 70 anos. A coleta de dados ocorreu no mês de novembro de 2022, período final da safra do açaí.

Foi realizada a AET com base no método de avaliação postural Ovako Working Posture Analysis System (OWAS) por meio da coleta de dados por observação e por registro de filmagens e fotografias, que foram processados pelo o software Ergolândia 8.0. O método OWAS consiste em uma avaliação das diversas posturas dos setores corporais como costas, braços e pernas durante uma atividade, constituída por frequentes movimentos, esforços e o

tempo realizado. Neste estudo as posturas adotadas na avaliação foram agrupadas em quatro categorias que indicam a o grau de correção da postura analisada:

Categoria 1: postura aceitável, que isenta cuidados;

Categoria 2: postura que deve ser analisada;

Categoria 3: postura que deve ser corrigida no

futuro; Categoria 4: postura que deve ser corrigida

urgente.

Por cruzamento das linhas e colunas da planilha é encontrada a categoria indicada para a postura e recebe um código de identificação composto de até oito dígitos. Os primeiros seis dígitos correspondem a cada um dos elementos que compõem a postura na avaliação e os dois últimos corresponderam à ordem da postura no ciclo de trabalho. Assim, a postura pode ser identificada e corrigida apenas pelo código (Canto, 2001).

Também foi aplicado a versão brasileira do Questionário Nórdico de Sintomas Osteomioarticulares (QNSO) adaptado de Barros e Alexandre (2003) para verificar os desconfortos musculoesqueléticos dentro da safra do açaí (6 meses somados aos sete dias anteriores à entrevista), contendo os setores corporais como: pescoço, punhos, cotovelos, ombros, costas (lombar), articulação sacro-ilíaca, joelhos e pés.



















A AET foi usada como unidade de contexto e o método OWAS foi utilizado como unidade de registro para a categorização dos resultados. Para a análise dos dados foi utilizada a estatística descritiva, com média, frequência e desvio padrão dos escores do QNSO e para a análise dos dados qualitativos, a análise subjetiva e de conteúdo proposta por Bardin (2011).

Esta pesquisa realizada junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), na qual foi aprovada no edital nº 046/2022, sendo integralizada de setembro de 2022 a agosto de 2023.

RESULTADOS

Os dados acerca das posturas assumidas durante a coleta do açaí foram avaliados dentro uma rotina de trabalho, levando em consideração a frequência, duração conjunto das posturas assumidas em cada etapa do trabalho. Diante disso, percebeu-se que existe uma forte exigência de esforços físicos envolvendo os membros superiores, inferiores, tronco, a coluna, exigindo fortemente das articulações das mãos e dos pés. Os resultados das posturas e das recomendações de intervenção estão apresentados no quadro 1.

Quadro 1 - Resultado da avaliação empregando o protocolo OWAS

Posturas	Frequência	Duração	Código						Categoria		
			Costas	Brasos	Pernas	Esforço	Pose	Classe	Recomendações		
 	1	3	1	3	2	2	0	1	1	Aceitável	
 	9	9	2	3	4	2	0	2	4	Corrigir Urgente	
 	8	2	1	1	4	2	0	3	2	Corrigir no futuro	
 	8	6	1	1	2	2	0	4	1	Aceitável	
Remoção dos cachos	 	1	4	1	1	5	3	0	5	2	Corrigir no futuro
	 	1	19	3	3	4	3	0	6	4	Corrigir Urgente
	 	1	2	2	2	4	3	0	7	2	Corrigir no futuro
 	1	17	1	2	3	1	0	9	1	Aceitável	
 	1	2	1	2	2	1	1	0	1	Aceitável	

Fonte: Os Autores, 2024

Na atividade de subida que consistiu na escalada da árvore de açaí, as posturas mais observadas pelas amostras foram a 1/1/4/2 (42,5%) e 2/3/4/2 (38,3%). Ambas apresentam maior número de repetições e duração, o que somado ao esforço físico, influencia diretamente nas correções posturais a serem realizadas, tanto de imediato quanto a longo prazo. As duas outras posturas adotadas na fase da subida (1/3/2/2 e 1/1/2/2) enquadram-se como posturas aceitáveis uma vez que apresentam poucas repetições e baixo esforço físico, somando juntas 10,2% de todas as posturas adotadas nessa fase.

Verificou-se que as posições mais utilizadas durante a coleta do açaí apresentaram comprometimentos na sua postura adotada. As posturas 1/1/5/3 (43,6%), 3/3/4/3 (36,4%) e 2/2/4/3 (20%) apresentaram maior esforço para realizá-las, o que resultou nas classes 2, 4 e 3, respectivamente. Não houve posições classificadas como aceitáveis ou legíveis para uma próxima AET. Por fim as posições mais utilizadas durante a descida do açaizeiro foram a 1/2/3/1 (53%) e 1/2/2/1 (48%) representando 100% de todas as posturas adotadas, sendo as duas classificadas como posturas aceitáveis por apresentarem menor número frequência, duração e esforço para desenvolvê-las.

A partir disso, a classe de ação predominante na AET foi a classe 1 (44%) que não necessita de medidas corretivas, seguido da classe 2 (22%), postura que deve ser verificada na próxima AET. A classe 3 (12%), onde necessita-se de correções a curto prazo e a classe 4 (22%) com as correções imediatas. As classes 3 e 4 tiveram destaque principalmente pela postura ao desenvolver a coleta do açaí, pois a postura apresentada impacta diretamente na atividade.

Os impactos da atividade laboral no desempenho ocupacional dos peconheiros foi evidenciado através do QNSO em que as principais áreas corporais acometidas citadas pelos trabalhadores foram as costas, quadris, punhos, ombros, joelhos e pés, o que confirma que muitos desses desconfortos se dá decorrente das más posturas adotadas, conjuntamente com a repetição e intensidade dos movimentos durante o extrativismo.

Sobre os distúrbios osteomusculares foram verificadas que na safra do açaí houve maior número de queixas (dor, formigamento/dormência) nas costas, pescoço, quadris, ombros, joelhos, punhos e pés. Consequente, como resultante no impedimento da realização das Atividade de Vida Diária (AVDs), foram frequentemente pontuadas pelos participantes as dores nas costas, joelhos, quadril, pescoço e punho. A partir dos resultados obtidos através do QNSO, observa-se que esta população possui grande prevalência de sintomas de distúrbios

osteomusculares decorrentes de algumas posturas inadequadas, evidenciando que esta atividade exige um alto grau de esforço de todo o corpo.

Do total dos extrativistas pesquisados, 58% não exerciam qualquer atividade física, 20% apresentaram sintomas musculoesqueléticos, como alterações de amplitude de movimento, deformidade articular, etc. Quanto à relação percebida entre os sintomas osteomusculares e a coleta do açaí, 80% dos entrevistados relataram que percebem a ligação e os impactos da atividade laboral na saúde ocupacional.

É notório a convergência na distribuição das frequências quando se comparam os sintomas nos seis meses precedentes à entrevista com os afastamentos. Houve concordância também apenas na região da coluna, como a mais citada região acometida por sintomas nos seis meses precedentes e responsável pelo maior número de afastamentos das atividades ocupacionais. O desvio padrão que se segue é algo homogêneo, confirmado através das regiões do pescoço, quadril e joelhos pouco revezando-se em segundo, terceiro ou quarto lugar em termos de frequência.

Apesar dos padrões posturais adotados e de acometimentos osteomioarticulares identificados, a amostra não apresentou demandas para uma intervenção imediata com uso de tecnologias assistivas ou com encaminhamento para uma unidade de referência em reabilitação, havendo somente a adequação postural no local da coleta do açaí com a população estudada.

CONCLUSÃO

Através da utilização do Método OWAS em uma AET pôde-se propor correções adequadas para todas as posturas incorretas, desde as mais graves até as pouco prejudiciais. Neste caso, é evidente que todas as posturas mais críticas apontadas na AET são eventuais e podem ser evitadas. O estudo confirmou a importância da relação da ergonomia com a terapia ocupacional na investigação de aspectos relacionados aos fatores causais das doenças ocupacionais relacionadas ao trabalho, que impactam diretamente em outras áreas de desempenho ocupacional.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. **Edições 70**. São Paulo. 2011.

BARROS, E. N. C.; ALEXANDRE, N. M. C. *Cross-cultural adaptation of the Nordic musculoskeletal questionnaire*. **International Nursing Review (INR)**. v. 50, n. 2, p. 101-108, 2003.

CANTO, S. A. I. **Processo extrativista do açaí:** contribuição da Ergonomia com base na análise postural durante a coleta dos frutos. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – UFSC. Florianópolis, p. 114, 2001.

NASCIMENTO, T. P. **Ergonomia e segurança em atividades extrativistas no estado do Acre.** 2017. 53 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciências Florestais, Centro de Ciências Agrárias e Engenharias, Universidade Federal do Espírito Santo, Jerônimo Monteiro, 2017. Disponível em:
http://repositorio.ufes.br/handle/10/7664?locale=pt_br. Acesso em: 5 dez. 2022.

PALAVRAS-CHAVE: Ergonomia; Saúde da População Rural; Tecnologia Assistida; Terapia Ocupacional.

PAPÉIS OCUPACIONAIS E SAÚDE MENTAL DE ACADÊMICOS DE TERAPIA OCUPACIONAL

Cíntia de Sousa Reis
Universidade do Estado do Pará
reiscintia2604@gmail.com

Leticia Melo da Silva
Universidade do Estado do Pará
marialet@gmail.com

Rebeca Rodrigues de Oliveira
Universidade do Estado do Pará
rebeca.olivrd@gmail.com

Vijaya Costa Silva
Universidade do Estado do Pará
vijayauepa@gmail.com

...

Lucivaldo da Silva Araújo
Doutor em Psicologia Clínica (PUC/SP)
Universidade do Estado do Pará
lucivadoaraujo@uepa.br

OBJETIVO

Mapear possíveis relações entre os papéis ocupacionais desempenhados por estudantes universitários de Terapia Ocupacional e a manifestação de sintomas de ansiedade, depressão e estresse.

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem quantitativa, de caráter transversal e correlacional. A metodologia baseia-se na objetividade da linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis e outros aspectos relevantes (PEREIRA *et al.*, 2018; GERHARDT; SILVEIRA, 2009). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer n. 5.716.652) e conduzida por meio de um formulário online, aplicado via Google Forms®, com 138 alunos do curso de Terapia Ocupacional, abrangendo do 1º ao 5º ano.

O formulário incluiu um questionário socioeconômico e dois instrumentos: a Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse DASS-21 (*Depression, Anxiety and Stress Scale*)

e a Lista de Identificação de Papéis Ocupacionais. O instrumento DAAS mapeia impactos na saúde mental em graus leve, moderado, severo e extremamente severo (VIGNOLA; TUCCI, 2014). A Lista de Identificação de Papéis Ocupacionais fornece informações sobre os papéis ocupacionais desempenhados pelos estudantes e a importância atribuída a cada um (CORDEIRO, 2005).

Os dados coletados foram organizados em planilhas eletrônicas no Microsoft® Office Excel® 2019 e analisados com o software estatístico IBM® SPSS® Statistics 28, utilizando testes não paramétricos, também conhecidos como testes de distribuição livre. Os resultados do DASS-21 e da Lista de Papéis Ocupacionais foram analisados quantitativamente, considerando a estrutura dos protocolos, que utilizam a técnica de escolha múltipla em uma escala Likert, permitindo aos respondentes escolher um único ponto fixo em cada item.

RESULTADOS

Os instrumentos foram aplicados nas cinco turmas do curso de Terapia Ocupacional da UEPA, resultando em uma amostra final de 138 participantes. Entre os respondentes, 8,70% (N=12) eram do 1º ano, 44,93% (N=62) do 2º ano, 14,49% (N=20) do 3º ano, 26,09% (N=36) do 4º ano e 5,80% (N=8) do 5º ano. Quanto ao perfil dos participantes, 86,23% (N=119) eram do sexo feminino, 13,04% (N=18) do sexo masculino e 0,72% (N=1) optou por não responder.

As idades dos participantes variaram de 18 a 50 anos, com uma média de 23,08 anos. Em relação à renda familiar mensal, 5,07% (N=7) tinham renda superior a 10 salários mínimos, 10,14% (N=14) possuíam renda inferior a um salário mínimo, 30,43% (N=42) entre 1 e 2 salários mínimos, 21,01% (N=29) entre 2 e 3 salários mínimos, 18,84% (N=26) entre 4 e 5 salários mínimos e 14,49% (N=20) entre 5 e 10 salários mínimos.

No que se refere ao local de residência e estudo, 58,69% (N=81) dos participantes moravam e estudavam em Belém, 15,94% (N=22) residiam em outro município e estudavam em Belém, 21,01% (N=29) moravam e estudavam em Marabá, e 4,34% (N=6) residiam em outro município e estudavam em Marabá. Belém e Marabá foram destacados por serem os municípios onde a UEPA oferta o curso de Terapia Ocupacional. Quanto à cor/etnia, 13,04% (N=18) se identificaram como pretos, 44,93% (N=62) como brancos, 40,58% (N=56) como pardos, 0,72% (N=1) como indígenas e 0,72% (N=1) preferiram não responder.

Em termos de religião, 42,03% (N=58) dos participantes identificaram-se como católicos, 31,88% (N=44) como evangélicos, 1,45% (N=2) aderiam a religiões de matriz africana, 5,07% (N=7) como espíritas e 19,56% (N=27) pertenciam a outras religiões.

Os dados relativos à saúde mental indicaram que 32,60% dos participantes apresentaram níveis normais de depressão, 18,11% leves, 22,46% moderados, 10,14% severos e 16,66% extremamente severos. Em relação à ansiedade, 33,33% apresentaram níveis normais, 7,24% leves, 21,73% moderados, 12,31% severos e 25,36% extremamente severos. Quanto ao estresse, 26,81% demonstraram níveis normais, 19,56% leves, 22,46% moderados, 23,91% severos e 6,52% extremamente severos. No geral, 66,64% dos participantes apresentaram algum grau de ansiedade, 67,37% de depressão e 72,45% de estresse.

Em relação aos papéis ocupacionais, os mais prevalentes entre os estudantes foram: estudante (98,55%), envolvimento em serviços domésticos (93,48%), membro da família (72,46%), amigo (71,01%) e participação em passatempos (50,72%). Também se destacaram os papéis de membro religioso (47,82%), cuidador (44,93%) e trabalhador (33,33%). Menos frequentes foram os papéis de voluntário (23,91%) e participante em organizações (12,3%), com uma menor porcentagem de estudantes desempenhando outros papéis (7,25%).

CONCLUSÃO

Os dados coletados nas cinco turmas do curso de Terapia Ocupacional da UEPA revelam um perfil demográfico diversificado, com predominância feminina e variação etária entre 18 e 50 anos. A maioria dos estudantes reside e estuda em Belém, e a renda mensal familiar varia amplamente, refletindo diferentes contextos socioeconômicos.

A análise evidenciou uma preocupante prevalência de sintomas de ansiedade, depressão e estresse entre os estudantes, com mais de dois terços apresentando algum grau de comprometimento em sua saúde mental. Esses resultados ressaltam a necessidade urgente de estratégias institucionais para o apoio psicológico e a promoção de bem-estar.

Além das exigências acadêmicas, os múltiplos papéis ocupacionais assumidos pelos estudantes, combinados com a negligência de outros, contribuem para a sobrecarga emocional. Assim, intervenções focadas em suporte emocional, gestão do tempo e autocuidado são essenciais para promover um equilíbrio mais saudável entre os diversos aspectos da vida dos estudantes, visando à melhoria da qualidade de vida e ao desempenho acadêmico.

REFERÊNCIAS

CORDEIRO, Júnia Jorge Rjeille. Validação da lista de identificação de papéis ocupacionais em pacientes portadores de doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC) no Brasil. 2005. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/20599>. Acesso em: 27 ago. 2024.

PEREIRA, Adriana Soares; SHITSUKA, Dorlivete Moreira; PARREIRA, Fabio José; SHITSUKA, Ricardo. Metodologia do estudo de caso. In: **Metodologia da pesquisa científica**. Santa Maria: UFSM - Núcleo de Tecnologia Educacional, 2018. Cap. 4. p. 67-69. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/> . Acesso em: 27 ago. 2024.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Rio Grande do Sul Plageder, 2009. p. 32. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=dRuzRyElzmkC&lpg>. Acesso em: 27 ago. 2024.

VIGNOLA, R. C. B.; TUCCI, A. M. Adaptation and validation of the Depression, Anxiety and Stress Scale (DASS) to Brazilian Portuguese. **Journal of Affective Disorders**, 55, 104-109, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jad.2013.10.031>. Acesso em: 27 ago. 2024.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia Ocupacional; Saúde Mental; Universitários; Papéis Ocupacionais.

ESTRUTURAÇÃO DA ROTINA TÍPICA DO ENSINO FUNDAMENTAL I SOB UM VIÉS OCUPACIONAL

Karina Costa Azevedo
Bolsista de Iniciação Científica Fapespa
Universidade do Estado do Pará
karina.azevedo@aluno.uepa.br

Kamilla Rodrigues Melo
Bolsista Voluntário
Universidade do Estado do Pará
kamilla.melo@aluno.uepa.br

Emily Vitória Almeida Paixão
Assistente de pesquisa
Universidade do Estado do Pará
emily.vapaixao@aluno.uepa.br

Chrisllane Nascimento Batista
Assistente de pesquisa
Universidade do Estado do Pará
chrisllane.nbatista@aluno.uepa.br

Débora Ribeiro da Silva Campos Folha
Terapeuta Ocupacional, Mestra em Educação, Doutora em Terapia
Ocupacional
Universidade do Estado do Pará (UEPA)
debora.folha@uepa.br

OBJETIVO

A pesquisa tem como objetivo geral descrever e analisar a educação no Ensino Fundamental I sob uma perspectiva ocupacional. Como objetivo específico deste resumo, descrever as rotinas do Ensino Fundamental I sob um viés ocupacional.

METODOLOGIA

O presente estudo se deu mediante pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória com pesquisa de campo. A coleta de dados foi realizada a partir da observação direta e os registros de campo foram compilados de acordo com a técnica das descrições narrativas. A primeira etapa deste estudo ocorreu no momento de estruturação deste projeto de pesquisa desenvolvida no âmbito da Chamada de Iniciação Científica da Universidade do Estado do

Pará (PIBIC/UEPA), com financiamento da Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA) e submissão do mesmo ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com seres humanos do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS/UEPA). Do mesmo modo, todos os preceitos éticos foram respeitados, conforme a Resolução CNS 466/2012. Somado a isso, realizou-se contato com a Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC), com a qual obteve-se autorização para a realização da pesquisa em escolas sob sua gerência. A segunda etapa deste estudo consistiu na realização de uma revisão da literatura. Uma vez aprovado pelo CEP, sob o parecer nº: 6.016.507 no ano de 2023, deu-se início à coleta de dados do projeto de pesquisa, que corresponde à terceira etapa deste estudo, da qual participaram 7 crianças e 3 professoras pertencentes à escolas municipais do distrito DABEL no município de Belém (PA), com as quais foram realizadas entrevistas semiestruturadas. A última etapa correspondeu à sistematização e análise dos dados coletados a partir da técnica de análise do conteúdo. Com base nisso, foi possível elaborar este resumo expandido.

RESULTADOS

A rotina típica do Ensino Fundamental I é caracterizada pela entrada da criança na escola, socialização entre alunos e professores, início das atividades em sala de aula, nas quais são compostas de: construção do calendário, momento destinado à chamada regular, leitura diária e elaboração de atividades de aprendizagem formal. Além disso, há o momento destinado ao intervalo e horário de saída e finalização das atividades do dia na escola. Na construção do calendário escolar, o mesmo, normalmente, já está confeccionado de forma colorida e interativa na parede da sala de aula ou próximo ao quadro. Ele é feito no próprio quadro pelos alunos ou, até mesmo, há um molde impresso colado no caderno dos estudantes. Um aluno escolhido no dia, pela professora, é o responsável por completar o dia, mês e ano referente. Outra maneira é quando todos os alunos tentam lembrar a data do dia e a professora ou algum aluno escrevem no calendário, completando-o.

Outra atividade característica da rotina é a chamada regular feita pela professora em interação com a turma, na qual geralmente é umas das primeiras a serem realizadas na sala de aula. Durante a chamada, é trabalhado habilidades matemáticas sobre quantitativo de crianças que estão presentes e quantos estão ausentes no dia. O momento da leitura também costuma compor a rotina do Ensino Fundamental I. Esse momento é destinado para fomentar o gosto pela leitura entre as crianças, aguçando a criatividade e imaginação no repertório de aprendizagem.

Outro momento característico que compõem a rotina escolar está relacionado a recreação ativa da criança, o momento destinado ao intervalo, onde os alunos realizam a sua refeição e interação entre si. Esse momento dura, em média, 20 minutos. Durante o intervalo, as crianças costumam realizar uma das ocupações predominantes na infância: o brincar. Segundo Mandich & Rodger (2006), as crianças ao participarem de ocupações com a família, amigos e outras pessoas começam a desempenhar diferentes papéis, como o de criança que brinca, estuda, se relaciona com outros e cuida de si mesma, constituindo seu repertório ocupacional diversificado. Essas experiências são fundamentais porque contribuem para o crescimento e o desenvolvimento das crianças, permitindo-lhes adquirir habilidades, se engajar em ocupações compartilhadas com outros indivíduos, expressar-se, construir significados, aprendem a desempenhar o papel ocupacional de estudante, além de desenvolver habilidades relacionadas ao brincar e às interações interpessoais.

A perspectiva ocupacional permite uma compreensão ampla das diversas formas de participação das crianças em ocupações. Isso inclui elementos como interação social, interesse, iniciativa e motivação para se envolver em diferentes ocupações. Essa abordagem possibilita identificar como cada criança participa dos ambientes em que está inserida, reconhecendo suas características individuais e as influências contextuais.

A partir disto, nota-se que a rotina bem delimitada auxilia na organização estrutural e temporal da criança, uma vez que permite a existência da previsibilidade no cotidiano escolar, bem como diminui a possibilidade de haver medos, incertezas e dúvidas e, conseqüentemente, a criança sente-se mais organizada, pertencida e acolhida no ambiente escolar (Mulligan, 2012).

CONCLUSÃO

Considera-se que este estudo produziu evidências a partir da perspectiva ocupacional, sobre a participação de crianças em rotinas, ambientes e ocupações no Ensino Fundamental I. Os resultados contribuem para um olhar mais sensível e preciso acerca da criança como ser ocupacional, considerando-a protagonista nos contextos escolares. Além disso, este estudo corrobora a importância da atuação do terapeuta ocupacional como profissional apto a identificar barreiras e facilitadores da participação plena da criança nas rotinas, nos ambientes e nas ocupações escolares no Ensino Fundamental I, além de favorecer o desempenho e engajamento ocupacional desses alunos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE TERAPIA OCUPACIONAL - AOTA. **Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo** 3ª ed. Rev Ter Ocup Univ São Paulo; jan.-abr. 2015;26 (ed. esp.):1-49.

Canadian Association of Occupational Therapy (CAOT). (1997). **Enabling occupation: an occupational therapy perspective**. Ottawa: CAOT Publications.

CLARK, Florence; LAYLOR, Mary. **A elaboração e o significado da Ciência Ocupacional**. In: CREPEAU, Elizabeth; COHN, Ellen; SCHELL, Barbara. Willard & Spackman Terapia Ocupacional. 11 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 02-14, 1996

DESSEN, M.A. POLONIA, A.C. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia, Ribeirão Preto, vol. 17, n. 36, p. 21-32, 2007.

MANDICH, A.; RODGER, S. **Doing, being and becoming: their importance for children**. In: RODGER, S.; ZIVIANI, J. **Occupational Therapy with children: understanding children's occupations and enabling participation**. Malden: Blackwell Publishing, 2006. p. 115-135.

MULLINGAN, S. **Preschool, I'm learning now**. In Lane, S.J & Bundy, A.C (Eds.), Kids can be kids: a childhood occupations approach (pp. 63-82).F. A. Davis Company, Philadelphia, 2012.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia Ocupacional. Rotina. Criança. Educação.

TERAPIA OCUPACIONAL NA HANSENÍASE: INTERVENÇÃO PARA REABILITAÇÃO DE SEQUELAS E RECUPERAÇÃO DO DESEMPENHO OCUPACIONAL

Karyna Cristielhe Ramos da Silva Acadêmica de
Terapia Ocupacional; Universidade do Estado
do Pará;
karyna.crdsilva@aluno.uepa.br;

Ana Clara Vasconcelos Cunha Acadêmica de Terapia Ocupacional;
Universidade do Estado do Pará;
ana.cvcunha@aluno.uepa.br

Nonato Márcio Custódio Maia de Sá
Orientador do projeto de
extensão, Doutor em Doenças
Tropicais; Universidade do
Estado do Pará;
marciosa@uepa.br.

OBJETIVOS

Verificar a efetividade do Protocolo de Atividade e Exercício (PAE) sobre o componente de desempenho da força muscular e suas repercussões sobre o desempenho ocupacional de pacientes com hanseníase que apresentam sequelas decorrentes do dano neural.

METODOLOGIA

Este estudo possui abordagem descritiva, com aspecto quanti-qualitativo, elaborado mediante a experiência de discentes do curso de Terapia Ocupacional da Universidade do Estado do Pará (UEPA) durante o projeto de extensão “Reabilitação e Tecnologia Assistiva: Protocolo de Atividade Exercício Para Pacientes com Incapacidades Decorrentes da Hanseníase”. O estudo desenvolveu-se na Unidade de Ensino e Assistência de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (UEAFTO), no período de junho a novembro de 2023, no turno da tarde.

Foram realizadas 2 sessões por semana, com duração de 1 hora. Os atendimentos iniciavam com a palpação dos nervos periféricos e a inspeção de face, membros superiores e membros inferiores para verificar possíveis incômodos, lesões ou dores. Depois, aplicava-se o método PAE destinado a melhorar a força muscular (palmar e pinça) de

pacientes com sequelas de hanseníase, decorrente do dano neural. O PAE é baseado nos princípios da biomecânica e da reabilitação física, que propõe quatro propriedades fundamentais: o nível da independência, nível de esforço, grau de eficiência e grau de segurança (Sá, 2014). Em vista disso, o PAE foi aplicado em 2 fases distintas. Sendo:

Fase 1: Adesão e acolhimento, onde tinha como objetivo criar vínculo e promover um espaço seguro e de confiança para o paciente.

Fase 2: Tratamento clínico com Atividade e Exercício (AE), onde ocorria na seguinte sequência: 1) Posturação para preensão palmar; 2) AE palmar mão direita e esquerda; 3) Posturação para preensão pinça; 4) AE palmar mão direita e esquerda; 5) Posturação para pressão interdigital; 6) AE interdigital mãos direitas e esquerda.

Os atendimentos eram finalizados com a hidratação e lubrificação das mãos e dos pés dos pacientes, através da imersão dos membros em bacias com água em temperatura ambiente, por 10 minutos, secagem e o uso de hidratantes corporais. A hidratação e lubrificação são usadas em pacientes hansenianos, compensando as funções sudoríparas e sebáceas acometidas e objetivando a melhoria das condições da pele (Lima *et al.*, 2018).

Ademais, para avaliação do desempenho ocupacional foi utilizado a Medida Canadense de Desempenho Ocupacional (*Canadian Occupational Performance Measure - COPM*) que proporciona a identificação das principais dificuldades enfrentadas pelos pacientes em atividades cotidianas significativas para eles (Law *et al.*, 2009).

RESULTADO

A hanseníase caracteriza-se como uma doença crônica e infectocontagiosa, cujo agente etiológico é o *Mycobacterium leprae*, ela é classificada em multibacilar e paucibacilar, e sua transmissão ocorre principalmente pelas vias respiratórias (Brasil, 2017). Segundo Sousa, *et al.*, (2020), as incapacidades físicas e perdas funcionais resultantes da doença podem impactar significativamente a vida dos pacientes, comprometendo suas atividades de vida diária (AVDS), que inclui atividades básicas de autocuidado realizadas rotineiramente, e suas atividades instrumentais de vida diária (AIVDS), que são tarefas que dão suporte às atividades cotidianas realizadas em casa ou na comunidade, resultando em prejuízos no desempenho ocupacional e conseqüentemente na qualidade de vida desses indivíduos.

Nesse sentido, uma das abordagens do terapeuta ocupacional na reabilitação física de indivíduos com sequelas da hanseníase inclui o uso do Protocolo Atividade Exercício (PAE), que representa um método de intervenção que busca recuperar a força muscular em pacientes com sequelas de hanseníase, objetivando o aprimoramento do desempenho

funcional para a execução de atividades cotidianas e outras ocupações significativas (Sá, 2014).

Nessa perspectiva, o estudo desenvolveu-se a partir do acompanhamento de uma paciente, do sexo feminino, 24 anos, que apresenta sequelas decorrente da hanseníase do tipo Garra Ulnar na mão direita, além de déficit na força muscular. Antes da aplicação do PAE, inicialmente, foi realizada uma avaliação de força muscular dos membros superiores, onde foram utilizados o Dinamômetro Jamar, para mensurar da preensão palmar, e o Dinamômetro Preston Pinch Gauge, que avalia a preensão de pinça. Para calcular a pontuação total das preensões palmar e pinça, foram feitas em cada mão, três medições, com intervalo de 2 minutos entre uma mão e outra. A pontuação final é determinada pela média das três medições realizadas nas mãos direita e esquerda.

Considerando os escores da média nas avaliações da preensão palmar, antes e após a aplicação do PAE, observa-se que após a reabilitação com o PAE a paciente obteve um ganho significativo na força de preensão palmar. Este resultado sugere uma melhora substancial em sua condição física, destacando a eficácia da intervenção realizada.

Além disso, os resultados da COPM antes da reabilitação com o PAE evidenciaram que, em decorrência das sequelas hansênicas, diversas atividades cotidianas foram impactadas. Nas atividades que a paciente elencou como mais significativas observou-se que, após a intervenção, apresentou melhoras em todas as atividades, incluindo tarefas domésticas, fazer compras, autocuidado e lazer. Esse resultado, pode ser justificado pelos benefícios da aplicação do PAE na força muscular e nas orientações frequentes dadas à paciente durante os atendimentos, visando o esclarecimento dos aspectos relacionados à capacidade funcional da usuária.

Nesse viés, a partir dos resultados do estudo, foi possível constatar que o protocolo constituiu-se como um método efetivo que proporciona efeitos terapêuticos significativos para a reabilitação física de pacientes com sequelas de hanseníase a medida que potencializa os componentes de desempenho, resultando em melhorias na força de preensão palmar e pinça e, subsequentemente, minimizando os efeitos incapacitantes da doença. Desse modo, é evidente que a aplicação do PAE em pacientes diagnosticados com hanseníase pode proporcionar benefícios para a força muscular, refletindo assim, nas áreas de desempenho ocupacional desses pacientes ao proporcionar o desenvolvimento de atividades básicas do cotidiano com maior autonomia e independência (Sá, 2014).

Ademais, os resultados apresentados pela aplicação do COPM mostraram que

houve melhoras significativas no desempenho e satisfação da realização das atividades de vida diária e instrumentais de vida diária que, antes da intervenção com o PAE, a paciente apresentava dificuldades em executá-las em razão das limitações e dos prejuízos nas habilidades manuais decorrentes da doença.

Com os resultados obtidos neste estudo e com a aplicação e reaplicação do COPM, é possível fazer um comparativo de como a intervenção terapêutica ocupacional associada ao PAE foi benéfica para a paciente, visto que, a mesma apresentava dificuldades na realização das atividades do cotidiano e, a partir das sessões, houve melhoras no desempenho ocupacional e maior satisfação por parte da paciente na realização das suas ocupações.

Por fim, é evidente a importância da aplicação do Protocolo de Atividade e Exercício (PAE) no contexto de reabilitação física de pacientes com sequelas de hanseníase, bem como o papel do terapeuta ocupacional para o favorecimento da autonomia e independência na realização das atividades diárias de pacientes que apresentam dano neural e incapacidades temporárias e/ou permanentes.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, sabe-se que as sequelas e incapacidades físicas decorrentes da hanseníase afetam negativamente os indivíduos acometidos, trazendo prejuízos à qualidade de vida, uma vez que o desempenho ocupacional nas atividades diárias é prejudicado.

Nesse contexto, com base nos resultados obtidos, o presente trabalho demonstrou que a intervenção terapêutica ocupacional associada à aplicação do PAE é efetiva e proporciona efeitos terapêuticos significativos na reabilitação física de pacientes com sequelas neurológicas decorrentes da hanseníase, comprovados não só pela evolução na força de preensão palmar e de pinça trípole, lateral e polpa-a-polpa aferidas no estudo, mas também por meio da reaplicação da Medida Canadense de Desempenho Ocupacional (COPM).

Diante da epidemiologia da hanseníase no Brasil e no mundo, é possível concluir que pesquisas que envolvam a condição clínica são de extrema relevância, visto que a incidência de indivíduos infectados pela doença está em expansão. Ademais, ressalte-se também, a importância do papel do terapeuta ocupacional na reabilitação de pacientes com dano neural e incapacidades, evidenciando a eficácia da intervenção, baseada no cliente, focada nos aspectos biopsicossociais favorecendo a autonomia e independência de

pacientes com hanseníase.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. **Guia prático sobre a hanseníase**. Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. [Brasília]: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/hanseniaze/guia-pratico-o-de-hanseniaze.pdf/view>. Acesso em: 05 nov. 2023.

LIMA, Marize Conceição Ventin; BARBOSA, Fernanda Ribeiro; SANTOS, Danielle Christine Moura dos; NASCIMENTO, Raphaela Delmondes do; D'AZEVEDO, Stephanie Steremberg Piresl. **Práticas de autocuidado em hanseníase: face, mãos e pés**. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 39, p. e20180045, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2018.20180045>. Acesso em: 19 nov. 2023.

LAW, Mary; BAPTISTE, Sue; CARSWELL, Anne; MCCOLL, Mary An; POLATAJKO, Helene; POLLOCK, Nancy. **Medida Canadense de Desempenho Ocupacional (COPM)**. Organização e tradução. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2009. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4946901/mod_resource/content/1/COPM-Brasil%202009.pdf. Acesso em: 19 nov. 2023.

SÁ, Nonato Márcio Custódio Maia. **Efetividade da atividade exercício sobre o componente de desempenho força muscular em pacientes hanseníase com incapacidade decorrente de dano neural nas mãos**. 2014. 131 f. Tese (Doutorado em Doenças Tropicais) – Medicina Tropical – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/9095>. Acesso em: 05 nov. 2023.

SOUSA, E; PINHEIRO, D; JACINTHO, F; SILVA, K; SILVA, C; NEVES, S. **IMPACTO DA HANSENÍASE NA QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTES TRATADOS EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA**. Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research – BJSCR Vol.31,n.3,pp.23-26 Ago 2020. Disponível em: <http://www.mastereditora.com.br/bjscr>. Acesso em: 07 Dez. 2023

PALAVRAS-CHAVE: Terapia Ocupacional, Hanseníase, Reabilitação, Protocolo de Atividade e Exercício.

ANUÁRIO DO CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

VOLUME 3

Trabalhos de
conclusão do curso de
Terapia Ocupacional

SEÇÃO



REFLEXOS DA SEPARAÇÃO PARENTAL NAS ATIVIDADES DE VIDA DIÁRIA (AVD) DE CRIANÇAS COM TEA

Dandara Gomes de Souza
Terapeuta Ocupacional
Universidade do Estado do Pará
rotiniza.to@gmail.com

Stefanie de Oliveira Miranda Falcão
Terapeuta Ocupacional
Universidade do Estado do Pará
stefaniemfalcao@gmail.com

Débora Ribeiro da Silva Campos Folha
Terapeuta Ocupacional,
Mestra em Educação e Doutora em Terapia Ocupacional
Universidade do Estado do Pará
debora.folha@uepa.br

OBJETIVO

A separação dos pais provoca várias mudanças na dinâmica familiar, afetando as atividades e a rotina de todos os membros da família. Para a AOTA (2020), as AVDs estão imersas no conjunto de ocupações imprescindíveis para o desempenho ocupacional humano, posto que agregam independência e bem-estar, além de favorecer a vida do indivíduo em sociedade. Elas são as atividades desempenhadas no cotidiano, tais como banho, controle de esfíncteres, uso de vaso sanitário, alimentação, vestir-se, mobilidade funcional, higiene pessoal, cuidados pessoais e atividade sexual.

Considerando que a separação parental impacta a rotina diária das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), esse estudo teve como objetivo entender e analisar como as AVDs foram afetadas diante da mudança na composição familiar.

METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa qualitativa e descritiva, utilizando um formulário online, acessível em nível nacional. O link para o formulário foi compartilhado na página do Instagram criada especificamente para essa pesquisa, direcionando os participantes para a plataforma *Google Forms*, que gerenciou as respostas. Os participantes foram pais ou mães de crianças maiores de 3 e menores de 12 anos e diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e que aceitassem participar da pesquisa manifestando seu consentimento por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram também critérios de inclusão: pais ou mães separados há pelo menos 3 meses e que residissem em

domicílios diferentes; pais ou mães que se separaram após a criança já ter sido diagnosticada com TEA e famílias cujas crianças passem pelo menos 1 fim de semana a cada 15 dias em casas diferentes.

A pesquisa seguiu todas as diretrizes éticas aplicáveis aos participantes humanos e obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o número 5.833.644.

A pesquisa qualitativa abrange uma abordagem subjetiva do mundo, possibilitando uma maior interpretação dos cenários naturais, ou seja, atribui grande importância aos depoimentos dos atores sociais envolvidos no estudo. Para mais, a investigação qualitativa objetiva contextualizar os processos que cada indivíduo se encaixa e explorar a forma que eles vivenciam os fatos que estão em seu ambiente (Denzin; Lincoln, 2006).

RESULTADOS

Participaram da pesquisa 10 famílias de crianças com TEA com pais separados, cujo perfil pode se visualizar na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1. Caracterização dos participantes da pesquisa.

Código do participante	Idade	Quem respondeu ao questionário de pesquisa	Tempo de diagnóstico do TEA	Tempo que os pais residem em domicílios diferentes
Mãe A	8	Mãe	5 anos	1 ano e 6 meses
Mãe B	10	Mãe	5 anos	5 anos
Mãe C	6	Mãe	3 anos	5 meses
Mãe D	3	Mãe	2 anos	2 anos
Pai E	9	Pai	5 anos	5 anos
Pai F	7	Pai	5 anos	5 anos
Mãe G	7	Mãe	5 anos	4 anos
Pai H	10	Pai	7 anos	3 anos
Mãe I	4	Mãe	2 anos	2 anos
Mãe J	3	Mãe	2 anos	1 ano

Fonte: Elaboração das autoras, 2023.

No que tange os reflexos da separação parental nas AVDs, algumas alterações foram observadas nas crianças com TEA. Dentre essas mudanças, a alteração no sono foi citada por 6 famílias, sendo a cama compartilhada citada por 3 delas.

Na alimentação, a Mãe A referiu compulsão alimentar e a Mãe J informou piora na seletividade alimentar. Os demais participantes relataram nenhuma alteração na alimentação. Na rotina de autocuidado da criança, o Pai F narrou que a criança apresentou maior dependência para a realização de tarefas de autocuidado, como escovar os dentes e fazer uso do vaso sanitário sozinho e a Mãe G mencionou maior dependência no autocuidado não especificada.

Diante das relações sociais, 6 crianças não apresentaram nenhuma mudança. A Mãe C mencionou que a criança apresentou agressividade com o pai, a Mãe G referiu proximidade com a vó materna, o Pai H narrou desorganização e interesse por ficar em um dos lares, já a Mãe J referiu busca por atenção e comportamentos agressivos e defensivos nas relações sociais.

No que diz respeito à ocupação brincar, metade das crianças mostrou alteração na forma de brincar. Dentre elas, foram notadas alterações como busca pela presença dos pais em atividades que realizava sozinho, preferência por brincar isolado, dependência de telas e brincar não funcional.

No que se refere aos principais desafios nas AVDs da criança que os pais atribuem a separação, foram relatadas dificuldade do sono e na troca de turno entre os lares, resistência em ir para a casa do pai e crises de desorganização mais frequentes.

CONCLUSÃO

O estudo demonstrou ser um assunto relevante e contemporâneo para a pesquisa em Terapia Ocupacional, beneficiando a comunidade acadêmica e profissional, posto que contribuiu para entender os reflexos da separação parental nas AVDs de crianças com TEA.

De acordo com os resultados presentes nessa pesquisa, entende-se que a separação parental gera mudanças na rotina infantil. Essas mudanças afetam o desempenho ocupacional infantil e, conseqüentemente, influenciam o desempenho das AVDs. Portanto, é notável que o serviço de Terapia Ocupacional é necessário para minimizar os reflexos negativos na participação ocupacional das crianças e garantir autonomia e independência no desempenho das AVDs.

REFERÊNCIAS

AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION (AOTA). Occupational

Therapy Practice Framework: Domain and Process. **American Journal of Occupational Therapy**, Bethesda, v. 74, n. 2, p. 7412410010, 2020.
<https://doi.org/10.5014/ajot.2020.74S2001>.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **Introdução:** a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia Ocupacional. Divórcio. Estrutura Familiar. Transtorno do Espectro Autista.

OCUPAÇÕES AO ENVELHECER: A PERSPECTIVA DO IDOSO ACERCA DO SEU DESEMPENHO OCUPACIONAL E SUA AUTONOMIA

Bianca Rodrigues da Silva
Terapeuta Ocupacional
Universidade do Estado do Pará, Belém, PA, Brasil
bibirsilva@gmail.com

Ana Carolina Gonçalves Rodrigues
Terapeuta Ocupacional
Universidade do Estado do Pará, Belém, PA, Brasil
anacarolinagr.to@gmail.com

Sabrina de Sousa Queiroz
Terapeuta Ocupacional
Mestre em Gestão e Serviços em
Saúde na Amazônia
Docente do Departamento de
Terapia Ocupacional da
Universidade do Estado do Pará
(UEPA), Belém, PA, Brasil
sabrina.queiroz@uepa.br

OBJETIVO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender a perspectiva do idoso acerca do desempenho de suas ocupações e sua autonomia frente ao processo de envelhecimento. Como objetivos específicos, esse estudo busca identificar as possíveis consequências do processo de envelhecimento para autonomia dos idosos, conhecer as ocupações dos idosos que podem ser afetadas pelo envelhecimento e entender de que forma o idoso compreende o significado da realização de suas ocupações e sua importância.

METODOLOGIA

Caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa, descritiva, de corte transversal e teve como instrumento uma entrevista semidirigida. Foi submetida ao comitê de ética e aprovada com o número 6.215.718.

A coleta foi realizada com idosos do grupo de Terapia Ocupacional no Centro Especializado de Reabilitação III (CER III) localizado na Unidade de Ensino e Atendimento de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (UEAFTO), na cidade de Belém do Pará. O público-alvo foram idosos de ambos os sexos com idade de 60 a 85 anos, inscritos no grupo supracitado há pelo menos dois meses e que aceitassem participar do estudo, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos da

amostra usuários não alfabetizados ou com diagnóstico de doença neurodegenerativa que comprometesse os aspectos cognitivos.

A coleta de dados consistiu na realização da entrevista semidirigida com questões pré-concebidas pelas pesquisadoras acerca da perspectiva do idoso sobre o seu processo de envelhecimento, ocupações e autonomia. Ocorreram individualmente em local reservado e foi registrada em áudio com duração aproximada de vinte minutos. Para análise, utilizou-se a Análise de Conteúdo de Bardin dividida em: Transcrição do áudio de forma limpa para facilitar a compreensão fidedigna das respostas; Análise semântica; Organização dos dados em categorias e; Comparação entre conteúdo da entrevista e teoria.

RESULTADOS

A pesquisa selecionou seis mulheres idosas, com idades entre 60 e 81 anos, utilizando nomes fictícios a fim de preservar a privacidade das participantes: Orquídea, Girassol, Flor-de-lis, Margarida, Violeta e Íris. As idosas foram questionadas sobre a influência do envelhecimento em suas vidas.

Em relação à autonomia, cinco das idosas não notaram perda significativa, embora mencionassem desafios como doenças, mudanças na rotina e redução de recursos financeiros após a aposentadoria. Uma participante relatou que a superproteção familiar afetava sua autonomia. Todas perceberam mudanças físicas e mentais, incluindo déficits de memória, alterações na pele e cabelo, e surgimento de doenças.

Sobre a execução de atividades, cinco relataram que não enfrentam dificuldades significativas, mas notaram perda de força muscular e surgimento de dores. No entanto, Íris, Violeta e Girassol reconheceram o impacto do envelhecimento em suas ocupações diárias e lazer, como dificuldades de mobilidade e mudanças nas atividades de lazer.

Todas as idosas consideraram crucial manter a autonomia em suas atividades diárias, uma vez que essas atividades promovem a saúde mental, autoestima e senso de pertencimento. A independência nas atividades foi vista como vital para a manutenção da qualidade de vida.

Dessa forma, a partir dos resultados e relatos obtidos, ponderou-se que o envelhecimento provoca mudanças significativas na vida dos idosos, afetando aspectos físicos, mentais e sua autonomia. A pesquisa mostrou que apenas uma idosa, Violeta, sentiu sua autonomia prejudicada pela superproteção familiar. Mello et. al (2020) afirmam que esse processo de troca de papéis nas relações familiares se torna frequente e que, algumas vezes, ao zelar pela segurança e conforto dos genitores, os filhos podem se tornar empecilhos no

exercício da autonomia e independência desses idosos, ao tender a realizar o máximo de atividades e tomar a decisão de questões que envolvem o cotidiano do idoso.

Mudanças físicas e mentais, como dores e problemas de memória, foram notadas por todas as participantes, com algumas mencionando como doenças e limitações físicas impactaram suas atividades diárias. Nessa conjuntura, Pimenta et. al (2015) contribui que, com o passar do tempo, o organismo tende a ter prejuízos físicas e mentais, elevando anualmente a probabilidade do surgimento e/ou agravamento de doenças, com aumento maior se o indivíduo não mantiver um envelhecer de qualidade.

A aposentadoria também trouxe alterações na autonomia, com algumas idosas sentindo maior liberdade, enquanto outras enfrentaram desafios financeiros e perda de identidade. A aparência envelhecida e o esquecimento foram associados a impactos psicológicos negativos, como ansiedade e depressão.

Além disso, o envelhecimento pode impactar as ocupações diárias dos idosos, afetando seu desempenho e autonomia. A maioria das participantes não relatou dificuldades diretas, mas mencionou fatores indiretos como fraqueza muscular e dores. Íris destacou a perda de força como uma limitação significativa. Segundo Araújo (2014), a sarcopenia, perda de massa muscular com a idade, compromete a capacidade funcional e autonomia dos idosos. Além disso, Rabelo e Neri (2014) afirmam que a superproteção familiar pode restringir a independência, gerando estresse e tensão. As entrevistas revelaram que a mobilidade funcional, a mobilidade na comunidade e atividades de lazer são frequentemente prejudicadas pelo envelhecimento, afetando a qualidade de vida e o bem-estar dos idosos.

Por fim, constatou-se que a autonomia é crucial para o bem-estar dos idosos, permitindo-lhes tomar decisões e realizar atividades diárias de forma independente. As entrevistadas destacaram que as atividades cotidianas são essenciais para a autoestima, saúde mental e socialização. Íris e Girassol enfatizaram que enfrentar desafios e manter-se ativo pode prevenir a baixa autoestima e promover benefícios emocionais, físicos e sociais. Estudos confirmam que o envolvimento em atividades socioculturais melhora significativamente a qualidade de vida dos idosos, aumentando a satisfação e o entusiasmo. A realização autônoma de tarefas é vista como fundamental para um envelhecimento bem-sucedido, contribuindo para a saúde e funcionalidade dos idosos (CARVALHO; DUQUE, 2021).

CONCLUSÃO

A pesquisa teve como objetivo compreender a percepção dos idosos sobre seu desempenho ocupacional e autonomia frente ao envelhecimento. Observou-se que, em geral, as idosas reconheceram alterações físicas e mentais que surgiram com o avançar da idade, porém não associaram que essas mudanças prejudicaram diretamente sua autonomia ou desempenho ocupacional, e trouxeram outras justificativas para tal: surgimento de dores físicas e doenças, a falta de exercício e superproteção familiar.

A dificuldade em associar problemas de saúde e mudanças ocupacionais ao envelhecimento reflete a evolução do conceito de envelhecimento ao longo do tempo. Com os avanços em tecnologia, medicina e farmacologia, a expectativa e a qualidade de vida dos idosos melhoraram, permitindo-lhes mais independência e novas oportunidades de integração social (SANTANA; BELCHIOR, 2013).

Nesse contexto, para promover a saúde integral dos idosos, o governo implementa projetos e atividades para estimular a prática de exercícios físicos, a estimulação cognitiva, a socialização e o lazer, como os oferecidos no grupo de terapia ocupacional na UEAFTO, que são essenciais para a promoção do bem-estar e da qualidade de vida dos idosos. Desse modo, terapia ocupacional auxilia no exercício e manutenção da independência e da funcionalidade dos idosos em seus contextos sociais e ambientais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Vanessa Suligo. **Benefícios do exercício físico na terceira idade**. 2014. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade de Brasília, Barra do Bugres – MT, 2014. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9581/1/2014_VanessaSuligoAraujo.pdf Acesso em: 24 set. 2023.

CARVALHO, Natércia; DUQUE, Eduardo Jorge Gomes Costa. A importância da realização de atividades como pilar do envelhecimento ativo. In: DUQUE, Eduardo Jorge Gomes Costa. **Diferentes abordagens do envelhecimento**. Braga: Editorial Caritas, 2022. p. 159-190. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/73724> Acesso em: 12 ago. 2023

MELLO, Renata; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; MACHADO, Rebeca Nonato; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Inversão geracional na família: repercussões da parentalização na vida adulta. **Psicologia Usp**, [S.L.], v. 31, p. 1-8, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e190126>.

PIMENTA, Fernanda Batista; PINHO, Lucinéia; SILVEIRA, Marise Fagundes; BOTELHO, Ana Cristina de Carvalho. Fatores associados a doenças crônicas em idosos atendidos pela Estratégia de Saúde da Família. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 20, n. 8, p. 2489-2498, ago. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015208.11742014>.

SANTANA, Carla da Silva; BELCHIOR, Carolina Guimarães. A velhice nas telas do cinema: um olhar sobre a mudança dos papéis ocupacionais dos idosos. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 93-116, mar. 2013.

RABELO, Dóris Firmino; NERI, Anita Liberalesso. A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos. **Pensando Famílias**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 138-153, jan. 2014.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia Ocupacional. Idoso. Ocupação. Autonomia.

PERCURSO DE ATUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL JUNTO A MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Ewerling Cristina Reis da Silva
Universidade do Estado do Pará
ewerling.silva@aluno.uepa.br

Josianne de Almeida Dias
Terapeuta Ocupacional, Mestre em Motricidade Humana
Universidade do Estado do Pará
josianne.dias@uepa.br

OBJETIVO

Narrar, a partir das pistas do método cartográfico, o percurso de atuação em Terapia Ocupacional no Centro Especializado de Assistência Social (CREAS) com mulheres em situação de violência doméstica.

METODOLOGIA

Estudo cartográfico, de abordagem qualitativa, com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 6934123.7.0000.5174, iniciado somente a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As atividades cartográficas foram realizadas no CREAS, localizado em um distrito de Belém-PA, de abril a agosto de 2023 em que foram desenvolvidas 5 oficinas de atividades, de 40 a 50 minutos, com quatro mulheres, identificadas como Rubi, Esmeralda, Diamante e Pérola. Utilizaram-se atividades baseadas em técnicas artísticas, como a pintura, colagem; técnicas corporais, como relaxamentos; e técnicas manuais como artesanato e costura.

Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizadas as oficinas, gravação de voz, registros fotográficos das produções, cadernos de registros das participantes e diário de campo da cartógrafa. Nesse contexto, ressalta-se que a narração das pesquisadoras é como uma forma de valorizar a experiência com a cartografia. Logo, a primeira autora será mencionada como “cartógrafa” e “pesquisadora principal”.

Destacamos a 1º, 2º e 3º pistas do método cartográfico conforme Passos et al. (2015), em que na 2º pista há 4 variedades da atenção do cartógrafo (rastreamento, toque, pouso e reconhecimento atento) que simbolizam o percurso da Terapia Ocupacional no CREAS, em que o rastreamento representa o primeiro contato com a equipe técnica. O toque concerne sobre o mergulho na Unidade em si, conhecendo a dinâmica de trabalho dos técnicos do local. O pouso consiste no acompanhamento junto às mulheres. O reconhecimento atento representa

as nossas revisitações às oficinas através de lembranças, dos diários de campo, gravações e imagens. Logo, estas 4 variedades que caracterizam a produção de dados serão representadas nas 4 temáticas dos resultados posteriormente.

A 3º pista traz que cartografar é acompanhar os processos que estão presentes em cada momento da pesquisa, sendo a processualidade a própria produção de dados (Passos et al., 2015). Dessa forma, a análise dos dados se voltou atenciosamente ao processo em curso.

RESULTADOS

A 1º temática nomeada como “Caminhando e construindo presença junto a mulheres e a equipe” refere-se ao acesso inicial das pesquisadoras à instituição com a participação em uma reunião junto a equipe técnica que indicou usuárias para o estudo de prontuários e seleção das participantes, com isso, foi possível inferir a invisibilidade do recorte racial dos prontuários dos serviços socioassistenciais.

A equipe encaminhou cerca de 13 mulheres para o primeiro contato telefônico, convidando-as a participar das oficinas. Em meio a afirmativas e negativas nas ligações, a primeira oficina de Terapia Ocupacional iniciou com 3 participantes, junto à pesquisadora principal à terapeuta ocupacional do CREAS, e com o passar das oficinas seguintes, totalizaram-se 4 participantes.

A 2º temática “Emaranhado de agentes construindo rede de suporte” consiste na percepção da dinâmica de trabalho no CREAS, que contava com uma equipe técnica composta por Assistente Sociais, Psicólogos, Pedagogos, Terapeuta Ocupacional e Educadores Sociais. Também foi possível perceber que a localização estratégica da unidade possibilitava a comunicação e articulação entre dispositivos jurídicos e de saúde. Portanto, infere-se intervenções baseadas nos princípios da assistência interdisciplinar no CREAS. Além disso, Bardi et al. (2023) referem que ações intersetoriais da equipe técnica são um dos aspectos facilitadores do trabalho dos Terapeutas Ocupacionais no Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

A 3º temática “Percebendo o lugar da violência no cotidiano” refere-se ao andamento das 5 oficinas de atividades que envolviam temáticas relacionadas às reflexões acerca da violência doméstica e os seus impactos, visavam promover a ampliação e fortalecimento de redes de suporte, estimular o empoderamento e outras possibilidades nas mulheres, além de oferecer um espaço de escuta e acolhimento para as participantes.

Uma das estratégias de intervenção da Terapia Ocupacional Social: as oficinas de atividades, que são como recursos mediadores do trabalho de aproximação,

acompanhamento, apreensão das demandas e fortalecimento dos sujeitos. Dessa forma, as oficinas potencializam experiências e aprendizados, estimulando os participantes a serem ativos no próprio processo de construção de subjetividade, um ser da práxis, da ação e da reflexão (Lopes et al., 2011).

Bardi et al. (2023) e Oliveira e Malfitano (2021) evidenciam oficinas em grupo como uma das ações de relevância que a Terapia Ocupacional desempenha no SUAS, pois constituem-se como espaços significativos e confortáveis que a partir da atividade propiciam a construção de relações e experimentações ampliando as possibilidades para os participantes. Logo, destaca-se o potencial desta prática que a dimensão sociopolítica e cultural influencia pois “diferentes fazeres permeiam os cotidianos, favorecendo a autovalorização dos sujeitos e possibilitando a produção de vida com sentido, com vistas à emancipação pessoal e social” (Lopes, 2016, p. 45).

A 4ª temática “Diante da imersão no contexto, desnudo as dificuldades...” se deu em vista das intercorrências durante o processo, das lacunas temporais entre algumas oficinas, do não comparecimento das participantes às oficinas devido a própria situação de violência doméstica. Logo, tais fatores dificultaram o vínculo com as participantes, mas também evidenciaram os motivos que prejudicam o vínculo das referenciadas tanto com a equipe quanto com a instituição.

Abatti (2015) destaca alguns fatores externos que dificultam a consolidação do vínculo com o usuário, dentre eles estão: número reduzido de profissionais, dificuldade de localização dos usuários e falta de equipamentos. Sendo assim, foi possível visualizar alguns destes fatores como desafios durante o percurso de terapia ocupacional.

Galheigo (2003, p. 108) diz que “A vida cotidiana do sujeito se revela no entroncamento da realidade exterior e da realidade psíquica, na rede de suas relações sociais, nas atividades costumeiras de auto-cuidado e auto-manutenção, nas manifestações de solidariedade.” Durante as oficinas e através das vivências das participantes, em que trouxeram afetações sobre a sua vida cotidiana, como o sentimento de sobrecarga com afazeres domésticos, o desemprego e impactos no autocuidado devido à violência doméstica podemos correlacionar que a vivência cotidiana pode sofrer interferências determinantes a partir da lógica patriarcal, racista e capitalista expressadas pela violência doméstica nos dias atuais.

CONCLUSÃO

Através das oficinas e tecnologias de mediação sócio-ocupacional foi possível acessar a vivência das mulheres no contexto de violência doméstica e nos seus cotidianos. Logo,

percebe-se que a subordinação da mulher ao homem e processos socioculturais são enfatizados pela violência doméstica que, como consequência, afeta os seus interesses, competências e oportunidades.

Quanto aos desafios percebidos na assistência social de média complexidade, destaca-se a importância de estudos referentes à intervenção da Terapia Ocupacional neste âmbito considerando as potencialidades que tal atuação apresenta às populações atendidas, além dos incentivos à profissão no campo social, espaço tão deficitário de profissionais Terapeutas Ocupacionais.

Entretanto, vale ressaltar que pesquisas futuras, abrangendo um número maior de participantes que podem trazer questões diferenciadas e complexas que surgem nas grupalidades e que se fazem pertinentes, sobretudo quanto às mulheres negras e em situação de vulnerabilidade e riscos.

REFERÊNCIAS

- ABATTI, C.K. **Equipe de referência multiprofissional do CREAS: importância, atuação e consolidação de vínculos com os usuários atendidos em Araranguá/SC**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Educação e Direitos Humanos) – Universidade do Sul de Santa Catarina. 2015. Disponível em: <<http://www.ensinosuperior.sed.sc.gov.br/index.php/pos-graduacao/trabalhos-de-conclusao-d-e-bolsistas/trabalhos-de-conclusao-de-bolsistas-ate-2017/ciencias-humanas/101-especializacao-a-o-ciencias-humanas>>. Acesso em: 20 Nov. 2023.
- BARDI, G. et al. Comunidade de Práticas em Terapia Ocupacional no Sistema Único de Assistência Social: articulando encontros e promovendo debates em terapia ocupacional social. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, 31(spe), e3389. 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO260133891>>. Acesso em: 20 Nov. 2023.
- GALHEIGO, S. M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, 14(3), 104-109. 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v14i3p104-109>>. Acesso em: 20 Nov. 2023.
- LOPES, R. E. et. al. Oficinas de atividades com jovens da escola pública: tecnologias sociais entre educação e terapia ocupacional. **Revista Interface Comunicação, Saúde, Educação, Educação**, Botucatu, v. 15, n. 3. p. 277-88. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-32832011000100021>>. Acesso em: 20 Nov. 2023.
- LOPES, R. E. Cidadania, direito e terapia ocupacional social. In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (org.). *Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos*. São Carlos: EDUFSCar, 2016. (p.29-48). 2016.
- OLIVEIRA, M. L. DE; MALFITANO, A. P. S. O Sistema Único de Assistência Social e os trabalhadores na Política Nacional Assistência social: um enfoque às terapeutas ocupacionais. **Serviço Social Em Revista**, 24(1), 148–169. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.5433/1679-4842.2021v24n1p148>>. Acesso em: 20 Nov. 2023.

PASSOS, E. et. al. (2015) Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Sulina, Porto Alegre. p. 207.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia Ocupacional. Violência contra a mulher.
Violência Doméstica. Ocupações.

**CIDADANIA CULTURAL E ENGAJAMENTO OCUPACIONAL DE
FREQUENTADORES DE FESTAS DE APARELHAGEM: DIÁLOGOS ENTRE
PARTICIPAR E PERTENCER**

Grazielly Silva Pires
Terapeuta Ocupacional
Universidade do Estado do Pará
graziellyspires@gmail.com

Hevelyn Maria Pereira Pereira
Terapeuta Ocupacional
Universidade do Estado do Pará
hevelynmariapp@gmail.com

Ingrid Bergma da Silva Oliveira
Terapeuta Ocupacional
Doutora em Psicologia Clínica (PUC/SP)
Docente da Universidade do Estado do Pará
E-mail: ingrid.oliveira@uepa.br

OBJETIVO

Compreender como o engajamento ocupacional em festas de aparelhagem pode favorecer a cidadania cultural de seus frequentadores

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa, de natureza cartográfica, que utilizou para captação dos participantes do formato Bola de Neve, com entrevistas em modo presencial e também observação dos espaços, movimentos e coletivos nos locais das festas de aparelhagem, sendo contatados 9 frequentadores de festas, sendo 3 da cidade de Belém, 1 de Ananindeua e 5 de Marituba, totalizando três mulheres e seis homens, com idade entre 24 e 39 anos, sendo 2

participantes com ensino superior completo, 1 com ensino superior incompleto, 4 participantes com ensino médio completo, 1 com ensino médio incompleto e 1 não informou a escolaridade.

Para a Análise Temática foram utilizados dados da entrevista, e do caderno das cartógrafas, sendo construídas três Unidades, a saber: “*Caracterização das festas de aparelhagem e o pertencimento dos frequentadores*”, “*Fatores sociais e culturais dos*

frequentadores como propulsores do engajamento ocupacional nas festas” e “O preconceito e a estigmatização na construção de espaços marginalizados: dificuldades de reconhecimento de cidadania cultural nas festas de aparelhagem”.

Ressaltamos que no decorrer do artigo os participantes são identificados por pseudônimos com nomes de aparelhagens, e que este estudo foi autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) sob o parecer de número 6.016.505, de 24 de abril de 2023.

RESULTADOS

As festas de aparelhagem constituem um evento cultural tradicional da cidade de Belém, irradiando por todo o Estado do Pará, apresentando dinâmicas econômicas específicas e padrões estéticos e tecnológicos demarcados que traduzem uma experiência e sensibilidade substancializadas pelos padrões musicais locais do estilo brega (Costa & Castro & Castro, 2021).

Nesse sentido, é válido ressaltar a forma como os frequentadores se identificam e utilizam-se desses espaços, assumindo papéis e reproduzindo comportamentos semelhantes uns aos outros, como danças e movimentos variados, sendo envolvidos e tornando-se visualmente um todo, uma espécie de coletivo, o qual possui características próprias, a ponto de se reconhecerem e identificarem-se nesses ambientes festivos (Costa, 2017).

Coelho (2022) infere que pertencimento é um componente fulcral para a caracterização das festas, bem como para sua realização e preservação, uma vez que o pertencimento a coletivos favorece a identificação por meio das ocupações em comum desempenhadas, e esta autora destaca ainda o pertencimento em seu caráter formador e impulsionador da ancestralidade festiva.

Pertencer na obra de Wilcock (1999), que é uma referência importante da Terapia Ocupacional, é visto como um senso de conexão do sujeito com outras pessoas, lugares, comunidades, culturas e tempos, considerando o contexto no qual suas ocupações ocorrem, onde pode-se experimentar várias formas de pertença ao mesmo tempo.

“[...] talvez eu não tenha essa necessidade de estar me questionando no espaço. Eu me sinto parte do espaço, entendeu?” (Ouro Negro).

Costa (2019) destaca a eficácia simbólica das festas de aparelhagem, que promove a popularidade e a legitimidade desses eventos como protagonistas do lazer de massa em Belém, possuindo raízes profundas e devendo ser considerados, caso a caso, na história de interações entre público, proprietários e funcionários do sistema de sonorização.

Mediante os discursos dos participantes, identificou-se a forte influência familiar como um dos pontos para despertar o interesse dos frequentadores em relação às festas, sendo esta fundamental para impulsionar e introduzir esse mundo no cotidiano de novos frequentadores. *“Eu nasci no meio disso ... papai sempre teve aparelho sonoro, então convivi com isso, aprendi a gostar” (Tupinambá).*

Reis e Prata e Parra (2018), sinalizam que a família, como primeiro modelo de crenças e valores, é uma importante fonte de transmissão de comportamentos aos indivíduos em processo de formação. Ferronato (2015) ressalta o processo de construção da identidade como algo pessoal, ainda que social, uma vez que acontece de forma interativa entre o sujeito e seu meio ao qual encontra-se inserido, no qual terá contato com novas culturas e valores.

Dessa forma, ratifica-se os aspectos que envolvem o engajamento ocupacional e que se conectam com os fatores sociais e culturais citados na discussão dos dados. Portanto, o engajamento ocupacional se relaciona com as conexões interpessoais que foram/são presentes nas vivências dos sujeitos, considerando os contextos nos quais os sujeitos estão inserido e realizam suas ocupações (Cruz & Taff & Davis, 2023).

A ideia de Cidadania Cultural se insere nessa realidade em uma perspectiva democrática, assumindo os indivíduos não como consumidores ou contribuintes, e sim como sujeitos políticos, entendendo que a cultura reina sob a óptica de direito do cidadão e, à medida que eles têm o direito ao debate e à reflexão, por certo surge o direito de produzir cultura, usufruir de seus bens, tal qual o direito à invenção de novos significados culturais, de formação cultural e artística, à experimentação e ao trabalho cultural crítico e transformador (Gruman, 2012).

Picanço e Leistner (2018), afirmam que um prejuízo à cidadania cultural é a constante associação que pessoas fora desse ciclo fazem ao público frequentador de festas de aparelhagem com a marginalidade e marginais, devido a traços do estilo estético, como corte e cor de cabelo e vestimentas. Dessa forma, envolvendo a comunidade “bregueira” com estereótipos pejorativos:

“No ensino fundamental ... fui estudar numa escola de rico ... minha mãe era funcionária ... conseguiu uma bolsa ... as meninas, filhinhos de papai ... eles me discriminavam... pelas musicas que eu ouvia na época, pela forma que eu me vestia fora da escola, entendeu?” (Metoro).

Destacamos que o preconceito e a estigmatização dificultam o reconhecimento e o valor da cultura das festas de aparelhagem, dessa forma interferindo na apropriação devida dos espaços enquanto direito à liberdade e exercício da cultura, logo afetando na prática da cidadania cultural por esse público.

CONCLUSÃO

As festas de aparelhagens, foram apontadas, durante a produção dos dados, como espaços da realização de atividades de lazer, mas ainda enquanto locais vinculados a memórias afetivas, resultado de influências familiares e bem como fonte de renda. Sendo essas algumas das motivações para a assiduidade do público, e a instalação de sentimentos de pertencimento e identificação, promovendo dessa maneira, nos sujeitos em questão, o exercício de sua cultura de maneira ativa e resistente contra os preconceitos e repressões socialmente impostas.

Nessa realidade, o preconceito e a estigmatização relacionados às festas sustentam a dificuldade de reconhecimento de cidadania cultural vinculada a estas práticas.

Aponta-se, também, a dificuldade de reconhecimento por parte dos participantes acerca do evento da festa de aparelhagem enquanto patrimônio cultural, logo, afetando a própria percepção destes em se identificar enquanto indivíduos que exercem a cultura e, por extensão, a cidadania cultural.

Os achados da pesquisa lançam maior compreensão sobre a cultura das festas de aparelhagem, ao mesmo tempo em que reafirmam a necessidade de mais discussões acerca dessa questão no âmbito da Terapia Ocupacional, voltadas às aparelhagens paraenses.

REFERÊNCIAS

COELHO, F. dos S. O circuito bregueiro de Belém do Pará: compreendendo a dimensão ocupacional dos Bailes da Saudade (**Dissertação de Mestrado**), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.

COSTA, A. M. O Caboclo Forte Tupinambá: Aparelhagem sonora, agência e religião em Belém do Pará. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 34(99), 65-80, 2019.

COSTA, H. C. P. O Arrasta Povo do Pará: A experiência comunicativa e estética nas festas de aparelhagem Super Pop (**Dissertação de Mestrado**). Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

COSTA, H., CASTRO, F. & CASTRO, M. Consumo e socialidade nas festas de aparelhagem de Belém, Brasil. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, v.53, n.27, p.131-161, Colima, 2021.

CRUZ, D. M. C., TAFF, S., & DAVIS, J. Occupational engagement: some assumptions to inform occupational therapy. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, 31, 2023.

FERRONATO, V. F. O. (2015). A importância da família na formação social do adolescente. **Revista de Educação**, 18(24), 3-9, Londrina.

FERRONATO, V. F. O. A importância da família na formação social do adolescente. **Revista de Educação**, v.18, n.24, p.3-9, Londrina, 2015.

GRUMAN, M. (2012). Caminhos da cidadania cultural: o ensino de artes no Brasil. **Educar em Revista, Editora UFPR**, v.45, p.199-211, Curitiba, 2012.

PICANÇO M. N. B., LEISTNER M. M. Por entre os palcos da “Festa de Aparelhagem”: performances corporais, objetos tecnológicos e identidades juvenis “bregueiras”. **Cadernos de arte e antropologia**, v.7, n.1, p.65-80, 2018.

REIS, D. M, PRATA, L. C. G & PARRA, C. R. O impacto da violência intrafamiliar no desenvolvimento psíquico infantil. **Psicologia.pt**, v.1, n.1, p.1-20, 2018.

WILCOCK, A. Reflections on doing, being and becoming. **Canadian Journal of Occupational Therapy**, v.65, n.5, p.248-256, 1999.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio cultural, Terapia Ocupacional, Cidadania.

A INTERFACE ARTE, CULTURA E SAÚDE NO SUPORTE PSICOSSOCIAL A IDOSAS: APONTAMENTOS DA TERAPIA OCUPACIONAL

Ana Clivia Silva Boaventura
Terapeuta Ocupacional
Universidade do Estado do Pará
anaclivia.boa@gmail.com

Luana Lima de Oliveira
Terapeuta Ocupacional
Universidade do Estado do Pará
to.luanaoliveira@gmail.com

Ingrid Bergma da Silva Oliveira
Terapeuta Ocupacional
Doutora em Psicologia Clínica (PUC/SP)
Docente da Universidade do Estado do Pará
ingrid.oliveira@uepa.br

OBJETIVO

Este trabalho teve como principal objetivo analisar como as intervenções terapêuticas ocupacionais na interface arte e cultura podem auxiliar no suporte psicossocial a idosas.

METODOLOGIA

A presente investigação é de natureza qualitativa, do tipo cartográfica, realizada com um grupo de seis idosas pacientes da Terapia Ocupacional na Unidade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (UEAFTO) da Universidade do Estado do Pará (UEPA). A faixa etária das participantes variou entre 61 e 74 anos.

A fase inicial da produção de dados foi realizada individualmente com uma entrevista semidirigida. A segunda fase da produção de dados envolveu intervenções grupais que foram realizadas na UEAFTO, totalizando oito grupos terapêuticos ocupacionais. Nestes grupos foram utilizados recursos advindos de referenciais artísticos e culturais.

A análise qualitativa dos dados foi conduzida pela interação da perspectiva cartográfica com a análise temática e se deu com a construção de três Unidades, a saber “Cartografia da terceira idade: Relações entre as demandas biopsicossociais e o desempenho ocupacional”, “Cartografia das Nuances do Feminino na Terceira Idade” e “Cartografia das Relações entre Arte e Cultura na Intervenção Terapêutica Ocupacional”.

Para a análise utilizamos material proveniente dos encontros terapêuticos, registros em caderno de campo, e ainda a transcrição dos relatos das participantes e ainda registros fotográficos dos grupos.

Utilizamos os seguintes pseudônimos, ao longo desta pesquisa, para salvaguardar a identidade das participantes: Rita Lee, Wanderléia Salim, Maria Bethânia, Gal Costa, Elis Regina, Fafá de Belém e Adriana Calcanhoto.

Esta pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), sob o parecer de número 67808623.2.0000.5174.

RESULTADOS

Inicialmente, como ponto de partida para a análise de dados, nos debruçamos sobre compreender a relação entre demandas biopsicossociais e desempenho ocupacional na terceira idade, a partir dos achados da pesquisa, e de referenciais mais atuais, acerca da interação entre estes dois aspectos.

Destaca-se que através das entrevistas semidirigidas, evidenciou-se a presença de algumas condições fisiológicas no grupo de idosas e que estas condições imprimem mudanças em decorrência do processo de envelhecimento. Deste modo, tais fatores podem interferir no desempenho ocupacional.

Urnau *et al.* (2015) trazem ainda outro ponto delicado do envelhecer que junto ao estigma ocasionam muito sofrimento: a solidão. Os autores referem que a solidão é considerada uma doença social que afeta de forma expressiva os indivíduos nesta faixa etária. A fala a seguir corrobora com esta perspectiva:

“Morávamos eu e ele, mas ele foi embora né. Teve que ir ao trabalho, então eu moro só”
(Elis Regina).

Conforme afirmam Rabelo e Nery (2013), o sofrimento psíquico advindo de quadros de depressão, ansiedade, conflitos familiares, disfunções do sono, dor, incidência do declínio cognitivo, processos de perdas e o manejo de manifestações crônicas de saúde exercem influência na qualidade de vida e no bem-estar da população idosa.

Além disso, ao longo dos grupos terapêuticos, observou-se falas, crenças, memórias e atitudes extremamente ligadas ao papel social atribuído à mulher. Neste ínterim, destacou-se no presente trabalho questões abordando o envelhecimento feminino com circunstâncias diretamente ligadas ao gênero como: padrões de beleza, a imposição da dupla jornada de trabalho, bem como o papel de cuidador que está diretamente associado à mulher.

“Eu queria minha filha perto de mim em certos momentos, vou precisar. Já precisei e ela não estava. E agora, vou precisar ainda mais. Tem meu filho, mas assim não é a mesma coisa que filha mulher” (Adriana Calcanhoto).

A fala da participante converge com Isaac, Ferreira e Ximenes (2018), visto que ao longo da jornada em direção à identidade feminina, há uma construção histórica e social acerca do papel assistencial designado à mulher, uma vez que, desde criança as meninas são submetidas a realizar tarefas de cuidado, estabelecendo sobre elas a expectativa de que exerçam o papel de cuidadoras quando requerido no decorrer da vida.

“Me vejo florindo” (Gal Costa). Contudo, por meio dos relatos, foi possível observar o constante florescer das participantes, a cada grupo. O suporte terapêutico ocupacional na interface arte e cultura, auxiliou no processo de refletir sobre o envelhecimento, pois não observou somente as dificuldades enfrentadas na saúde ou mobilidade, mas também destacou os ganhos gerados pelas vivências destes corpos.

Neste contexto, a Terapia Ocupacional utiliza abordagens direcionadas às necessidades de saúde da terceira idade e aos seus determinantes sociais. Assim, a intervenção terapêutica ocupacional pode favorecer a participação social, o autocuidado, a retomada de atividades relacionadas à cultura, bem como à compreensão, expressão de sentimentos e o acesso a experiências singulares e subjetivas (Nunes, Batista e Almeida 2021).

Deste modo, é importante destacar que a arte e seus recursos são grandes aliados nos processos de viabilizar a expressão, a comunicação, as habilidades sociais, além de estimularem a imaginação e a criatividade. A cultura também está intimamente relacionada a este contexto, visto que é indissociável à vivência humana. Portanto, a arte e a cultura provocam deslocamentos afetivos e permitem propiciar vivências de transformação e criação, possibilitando ao sujeito ser e existir na pluralidade humana (Molina, 2021).

Ao longo dos encontros, foi possível perceber que as conexões criadas e o sentimento de pertencer ao grupo potencializaram o fazer individual de cada participante, demonstrando reverberações positivas em suas produções e atitudes.

“[...] acredito que vamos sair daqui, assim não como nós entramos, estamos indo, mas mais ativas e chegando em outros conhecimentos! E até falar ao sair.... eu dancei coisa que eu nunca mais tinha feito, hoje eu vivi. Então assim para mim foi ótimo que eu entrei de um jeito e vou sair mais leve” (Elis Regina).

A Terapia Ocupacional na interface arte e cultura, por meio das intervenções grupais, se mostra como um percurso que anda na contracorrente da hegemonia dominante, constituindo-se em uma lógica promissora e de resistência na valorização genuína da vida humana (Silvestrini, 2019).

CONCLUSÃO

Destacamos que os objetivos construídos foram alcançados através dos resultados expostos neste artigo. As limitações deste estudo são caracterizadas pelo número reduzido de participantes e pelo local da pesquisa abranger apenas as participantes de um setor em um único serviço público. Assim, recomenda-se que futuros trabalhos sobre esta temática possam contar com um número maior de participantes e complexidades a serem ouvidas e discutidas.

Afirma-se que os conhecimentos levantados pela análise de dados corroboram com aspectos observados em outros referenciais teóricos citados ao longo do trabalho, como a grupalidade feminina, que se revelou como estratégia singular de sociabilidade, de trocas simbólicas e afetivas, gerando uma experiência legítima de acolhimento, pertencimento, solidariedade e companheirismo.

As nuances do feminino, as quais foram destacadas, mostram como o envelhecimento traz impactos que perpassam questões exclusivas ao gênero. Além disso, os achados da pesquisa confirmam que a arte e a cultura auxiliam no suporte psicossocial da população idosa, uma vez que os relatos destacam a potência da utilização destes recursos que promovem expressão, criatividade e fortalecimento de vínculos.

“O que eu quero deixar aos meus filhos e netos é que eles aproveitem bem a vida, é que a vida é curta e o tempo passa rápido! então eu gostaria que eles aproveitassem” (Adriana Calcanhoto).

Conclui-se com o relato de uma participante da pesquisa, a qual cita a importância de vivenciar intensamente todas as fases da vida, que o envelhecimento ativo é possível e o suporte terapêutico ocupacional pode fortalecer esse processo, trazendo saúde, qualidade de vida e vitalidade ao cotidiano da terceira idade.

REFERÊNCIAS

ISAAC, L.; FERREIRA, C. R.; XIMENES, V. S. Cuidar de idosos: um assunto de mulher? **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 108–125, 2018. DOI: 10.5433/2236-6407.2018v9n1p108. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/26832>. Acesso em: 16 nov. 2023.

MOLINA, A. M. **Terapia Ocupacional e Cultura quais caminhos estamos trilhando?**. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15310>. Acesso em: 15 mar. 2022.

NUNES, A de S; BATISTA, M. P. P; ALMEIDA, M. H. de M. Atuação de terapeutas ocupacionais com idosos frágeis. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 29, 2021.

RABELO, D. F.; NERY, A. L. Intervenções psicossociais com grupos de idosos. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 16, n. 4, p. 43–63, 2013. DOI: 10.23925/2176-901X.2013v16i4p43-63. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/20022>. Acesso em: 7 out. 2023.

SILVESTRINI, Marina Sanches. **Terapia Ocupacional e Cultura: uma curadoria de tessituras entre Práticas, Políticas, Diversidade e Direitos**. 2019. 161 f. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11260>. Acesso em: 10 mar. 2022.

URNAU, G. L *et al.* **Algumas reflexões sobre os aspectos biopsicossociais e bioéticos no cuidado de idosos. o cuidado**, p. 27. Livraria e Editora Méritos Ltda. 2015. Disponível em: <https://www.meritos.com.br/livros/145--livro--O-cuidado-na-multidimensionalidade-do-en-v-elhecimento-humano---Meritos-Editora--2015.pdf#page=27>. Acesso em: 9 out. 2023.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia Ocupacional; Arte; Cultura; Atenção Psicossocial; Gerontologia.

A ATIVIDADE DE VIDA DIÁRIA DA ALIMENTAÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E DISFUNÇÃO DE INTEGRAÇÃO SENSORIAL

Paula Rayane Oliveira Batista
Terapeuta Ocupacional
Universidade do Estado do Pará
topaulaoliveira@gmail.com

Gisely Gabrieli Avelar Castro
Terapeuta Ocupacional
Mestra em Psicologia
Universidade do Estado do Pará
gisely.avelarto@uepa.br

OBJETIVO

No presente trabalho, busca-se entender a interferência da Disfunção de Integração Sensorial na Atividade de Vida Diária de alimentação de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Além disso, como objetivos específicos, têm-se a descrição do desempenho ocupacional de crianças com TEA na atividade de vida diária de alimentação, bem como analisar os possíveis impactos da disfunção de integração sensorial no desempenho ocupacional da atividade de vida diária de alimentação de crianças com TEA.

METODOLOGIA

Esse trabalho tem abordagem qualitativa, com estudo de caso múltiplo, tendo como enfoque a descrição e a explanação dos resultados encontrados. O instrumento utilizado para coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada elaborada pelas autoras, sendo composta por 7 perguntas abertas e 24 fechadas, com o objetivo de coletar informações com os responsáveis legais sobre a criança e sua alimentação, a respeito da atividade de vida diária alimentação e do processamento sensorial do infante. Além disso, houve a análise de um vídeo de refeição das crianças que os responsáveis filmaram e disponibilizaram.

Para o embasamento da entrevista foi utilizado os seguintes protocolos: Perfil Sensorial 2 da criança (Dunn, 1999), Inventário de Avaliação Pediátrica de Incapacidade-PEDI (MANCINI, 2005) e o Sensory Processing Measure – SPM (PARHAM et al, 2007). A análise de dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin.

O estudo foi desenvolvido em um Centro Especializado de Reabilitação III (CER III), em Belém do Pará. Os participantes foram cinco crianças com TEA com queixas de problemas alimentares e seus cuidadores principais.

Os critérios de inclusão foram: Crianças na faixa etária entre 7 anos e 12 anos, com o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista; ativas no acompanhamento terapêutico ocupacional na abordagem da Integração Sensorial no CER III pelo tempo mínimo de três meses; apresentação de Disfunção de Integração Sensorial e queixas relacionadas a alimentação; não apresentassem comorbidades de ordem genética e neuromotoras.

Cabe ressaltar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob parecer de número 5.979.110, aprovado em 2023. Os objetivos da pesquisa, assim como seus riscos e benefícios, foram apresentados aos participantes e foi respeitada a autonomia destes, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim como, o estudo respeitou a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/2012.

Por fim, para manter o sigilo das identidades, na presente pesquisa, as crianças serão chamadas por nomes de personagens de animação: Peter Pan; Mickey; Frajola; Pato Donald; Sininho.

RESULTADOS

Quanto aos infantes temos que: todos possuem seletividade alimentar e fazem acompanhamento na abordagem da Integração Sensorial no CER III. Peter Pan tem 9 anos, mora em Belém, faz acompanhamento no CER III há 3 meses, possui somatodispraxia, não possui alergias alimentares/problemas gastrointestinais e faz acompanhamento nutricional.

Mickey tem 10 anos, mora em Ananindeua, faz acompanhamento no CER III há 2 anos, possui somatodispraxia e VBIS, não possui alergias alimentares/problemas gastrointestinais e faz acompanhamento nutricional. Frajola tem 7 anos, mora em Belém, faz acompanhamento no CER III há 5 meses, possui somatodispraxia e VBIS, possui alergia a glúten e faz acompanhamento nutricional.

Pato Donald tem 10 anos, mora em Belém, faz acompanhamento no CER III há 2 anos, possui somatodispraxia, não possui alergia/problemas gastrointestinais e não faz acompanhamento nutricional. Sininho tem 9 anos, mora em Belém, faz acompanhamento no CER III há 4 meses, possui somatodispraxia, possui intolerância a lactose e não faz acompanhamento nutricional.

Como os resultados, pode-se observar como se apresenta a ocupação alimentar dessas crianças. Segundo a mãe de Peter Pan, em entrevista, disse que ele come sozinho, porém se derrama todo. Crianças com TEA podem ter auxílio de seus pais ou responsáveis por mais tempo que crianças neurotípicas em suas ocupações, como em suas atividades de

vida diária, e geralmente eles utilizam ajuda mais intrusivas, ou seja, ajuda física (APA, 2014; SILVA *et. al*, 2018).

Além disso, um dos aspectos que podem ocorrer é a presença de comportamentos de seletividade alimentar relacionados a marcas de alimentos. A seletividade alimentar é caracterizada (Sampaio *et.al*, 2013) por um conjunto de comportamentos como alimentação com restrita variabilidade, recusa alimentar e não aceitação para experimentar alimentos novos. Todos os cinco participantes do estudo selecionam alimentos por marcas em alguma refeição do seu dia. Assim, apresentam dificuldades na alimentação em ambientes que não possuem essas marcas. As crianças também apresentaram comportamentos de seletividade alimentar por não variar alimentos. Dos cinco participantes, quatro gostam de alimentos mais secos, crocantes e fritos.

Quando foram questionados se as questões sensoriais impactam nas dificuldades alimentares das crianças, quatro dos entrevistados afirmaram acreditar existir relações e apenas um não sabia se havia relação, contudo, percebe-se que as disfunções sensoriais impactam na alimentação dos participantes de modo que é possível identificar os sistemas sensoriais envolvidos nessas dificuldades, a partir da análise da entrevista, em especial das perguntas direcionadas aos sistemas sensoriais.

No sistema olfativo, quatro dos cinco relatos mostram o incômodo com odores, notando em demasia na alimentação. Em dois relatos por conta do cheiro, ficam com ânsia ou chegam a vomitar. Já no sistema auditivo, nenhum possui queixas relacionadas. Entretanto, todos demonstraram dificuldades no sistema gustativo relacionadas à textura e consistência dos alimentos. No sistema tátil, quatro dos cinco participantes sentem incômodos ao pegar em determinadas texturas, como gelatinosas, e em grãos. Quanto ao sistema interoceptivo, apenas um dos participantes tem dificuldades para perceber as sensações do seu corpo, com dificuldades para identificar quando está com fome e sede.

Sistema proprioceptivo, um dos cinco participantes, Peter Pan, apresenta dificuldades para mastigar, e necessita que cortem bem a carne para que coma, também não sabe colocar a língua para fora na escovação dos dentes e não sabe cuspir. Já no sistema vestibular, observou-se que dois dos cinco participantes, Peter Pan e Frajola, não conseguem sentar para comer, precisam de distratores como televisão e celular.

Soares et. al (2022) em seu estudo com 22 crianças com TEA observou que em mais da metade deles tiram os temperos nas comidas e escolhem os alimentos pelas marcas de embalagem. Além disso, constatou que em torno de 50% tem dificuldade para sentar-se à mesa, com agitação motora. Ademais, em seu estudo quase 60% têm incômodo com o barulho, fato muito comum em pessoas com TEA.

Esses achados também se assemelham aos desta pesquisa na qual todos têm preferência por marcas de embalagem e um não senta-se à mesa devido a agitação motora. Entretanto, nenhum possui incômodo com o barulho na hora da alimentação, segundo os relatos. O terapeuta ocupacional é o único profissional capacitado para atuar com a abordagem de integração sensorial e também realizar treinos de atividade de vida diária. A terapia de integração sensorial é muito utilizada por terapeutas ocupacionais para favorecer as ocupações de crianças com transtorno do espectro autista que apresentem déficits em decorrência da disfunção de integração sensorial que impactam em suas rotinas. Dessa forma é importante aprofundar a interface entre TEA, DIS e a AVD de alimentação para compreender as possibilidades de intervenção do terapeuta ocupacional, pois a ocupação humana é estudada e utilizada para intervenção na Terapia Ocupacional em busca de maior autonomia e independência dos usuários.

CONCLUSÃO

Nesse estudo, objetivou-se compreender a disfunção de integração sensorial e sua influência no desempenho na atividade de vida diária alimentação de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Os dados da pesquisa convergem com outros estudos em pontos sobre preferência por marcas de embalagem, agitação motora para sentar-se à mesa, queixas referentes ao sistema olfativo e ao gustativo e divergem também, por não ter relatos sobre dificuldades auditivas relacionadas à alimentação.

Ademais, são poucos os estudos que possuem como tema a tríade disfunção de integração sensorial, transtorno do espectro autista e alimentação, necessitando de mais pesquisas para essa área, para ampliar os conhecimentos, contribuindo com mais subsídios para a prática do terapeuta ocupacional, bem como, para o público em questão.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 5. ed. 2014.

Disponível em:

<https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>. Acesso em: [07/09/24]

SAMPAIO, A. et al. Seletividade alimentar: uma abordagem nutricional. *Relatos de Caso*, v. 62, n. 2, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852013000200011>. Acesso em: [07/09/24].

SILVA, W. N.; ROCHA, A. N. D. C.; FREITAS, F. P. M. Perfil de crianças com transtorno do espectro autista em relação à independência nas atividades de vida diária. *Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial*, v. 5, n. 2, p. 71–84, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2358-8845.2018.v5n2.06.p71q>. Acesso em: [07/09/24].

SOARES, T. M.; BITTAR, S. S.; MAYNARD, D. C. Análise do comportamento alimentar de crianças com transtorno do espectro autista. *Perspectivas Online*. Disponível em: https://ojs3.perspectivasonline.com.br/biologicas_e_saude/article/download/2494/2382/. Acesso em: [07/09/24]

PALAVRAS-CHAVE: Terapia Ocupacional. Transtorno do Espectro Autista. Atividade de Vida Diária. Alimentação.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS ENQUANTO CO-OCUPAÇÃO FAMILIAR: CONCEPÇÕES TERAPÊUTICAS OCUPACIONAIS

Geovana Duarte de Sousa
Terapeuta Ocupacional
Universidade do Estado do Pará
geovanaduarte.to@gmail.com

Tamara Iglesias de Barros
Terapeuta Ocupacional
Universidade do Estado do Pará
tamara19.barros@gmail.cpm

Débora Ribeiro da Silva Campos Folha
Terapeuta Ocupacional,
Doutora em Terapia Ocupacional
Universidade do Estado do Pará
debora.folha@uepa.br

OBJETIVO

Analisar a contação de histórias enquanto co-ocupação familiar pela perspectiva terapêutica ocupacional.

METODOLOGIA

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa, com enfoque descritivo e exploratório, sendo esta aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob parecer de número 6.139.441. Respeitou-se a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/2012, apresentando aos participantes os riscos, benefícios e objetivos da pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Foram definidos como critérios de inclusão: pais, mães ou responsáveis que referiram realizar a contação de histórias como uma ocupação compartilhada entre pais ou cuidadores principais e filhos em sua rotina; famílias que apresentaram em sua composição crianças na faixa etária de 2 a 10 anos; famílias que aceitaram participar do estudo e manifestaram sua concordância por meio da assinatura do TCLE. Referentes aos critérios de exclusão foram: famílias que não residem na região metropolitana de Belém; famílias que têm a contação de histórias realizada por cuidadores secundários (babás).

As participantes do estudo foram famílias com crianças, totalizando 6 participantes. A fim de garantir o anonimato das mesmas utilizaram-se nomes de escritoras de obras

literárias infanto-juvenis para identificá-las. As participantes foram selecionadas por meio de busca ativa e demanda espontânea com a divulgação de um convite online de participação. O instrumento aplicado na coleta de dados foi uma entrevista direta elaborada pelas pesquisadoras, compreendendo perguntas que visavam traçar o perfil das famílias entrevistadas e perguntas relacionadas ao tema.

A coleta foi realizada no domicílio das participantes de modo individual, sendo as entrevistas gravadas e posteriormente transcritas. Também realizou-se registros fotográficos dos ambientes e materiais utilizados durante a contação de história. Para a análise de dados utilizou-se a técnica de análise de conteúdo de Bardin (BARDIN, 2016).

RESULTADOS

Os resultados obtidos na pesquisa foram organizados e elencados em quatro categorias: relacionados à contação de histórias enquanto co-ocupação, rotina, ambiente e desenvolvimento infantil. Nesse sentido, é possível compreender e analisar a contação de histórias como co-ocupação devido as características de interação que a mesma demonstra, haja vista que segundo a Associação Americana de Terapia Ocupacional – AOTA, as co-ocupações se caracterizam por ocupações compartilhadas e vivenciadas por meio do envolvimento implícito de dois sujeitos ou mais (GOMES *et al.*, 2021).

Desta forma, a perspectiva terapêutica ocupacional aborda que quando o ato de contar histórias envolve dois ou mais indivíduos é compreendido como uma co-ocupação. Somado a isso, quando realizada no âmbito familiar demonstra grande potencial para promover e fortalecer o vínculo familiar, tendo o caráter interativo, promovendo a participação social e construção de memórias afetivas.

A pesquisa também aponta que esta co-ocupação configura-se como uma atividade inserida nas rotinas familiares, comumente integrada à rotina do sono. Este achado vai de encontro ao exposto por Busatto (2011) ao afirmar que o ato de contar histórias pode ser uma estratégia favorável na preparação do sono das crianças. Ademais, segundo a Associação Americana de Terapia Ocupacional – AOTA, as ocupações possibilitam apoiar ou promover outras ocupações (GOMES *et al.*, 2021); logo, com essa prática há a possibilidade de propiciar um ambiente oportuno para maior sensação de descanso.

Conforme Cabral (2017), qualquer ambiente apresenta potencial para a realização da contação de histórias, mas para isso é necessário que este local apresente alguns aspectos importantes para a realização desta atividade de modo satisfatório e promover estímulos benéficos ao ouvinte. As histórias permitem um ambiente seguro de troca entre o mediador e

o ouvinte, este deve ser instigado pela história, tendo isso em vista, o contador deve incentivar a imaginação da criança, tendo ludicidade na forma como realiza a contação, construindo um ambiente lúdico e atrativo (SILVA, 2021).

Considerando que o primeiro contato do infante com os livros e a leitura ocorre por meio dos pais, estabelecer esse hábito influenciará na adesão à leitura. Portanto, ao oferecer oportunidades para que a criança tenha esse contato em seu cotidiano, permite aprendizagens e descobertas sobre o mundo (COSTA; RIBEIRO, 2017). Deste modo, observou-se a relevância do ambiente para esta co-cupação, pois promove participação em ocupações.

As participantes da pesquisa observam que a co-ocupação contribui para o aumento do repertório lúdico da criança. De igual modo, o ato de contar histórias instiga a curiosidade, o raciocínio lógico, o conhecimento de mundo, desenvolvimento moral e auxilia a criança a resolver seus conflitos emocionais (CARDOSO; FARIA, 2016). Ademais, favorece a aquisição de valores culturais, promove o ganho de diversas habilidades, contribuindo para o desenvolvimento de linguagens, na aquisição da fala e escrita; desenvolver o pensamento crítico, auxiliando a construir a personalidade e autonomia (BRUNKHORST *et al.*, 2012; COSTA; RIBEIRO, 2017).

Portanto, observa-se que o ato de contar histórias beneficia o desenvolvimento ocupacional da criança (MARQUES; TRIGUEIRO, 2011). Bem como, nota-se que a participação da criança nesta co-ocupação contribui na construção da identidade, para o desenvolvimento de seus papéis ocupacionais e auxilia na participação social e no desempenho ocupacional do infante (CUNHA *et al.* 2015 & LIMA *et al.* 2014).

CONCLUSÃO

Compreende-se que o objetivo do estudo foi alcançado, pois com os dados obtidos, observamos fatores sobre o ato de contar histórias que o configuram como co-ocupação, assim como se faz perceptível o papel da rotina e do ambiente atrelados a esta co-ocupação apresentam influência diretamente, ratificando a relevância da continuidade e da promoção do preparo para o sono, podendo ser o ambiente promotor da participação da criança em ocupações. Somado isso, a contação de histórias enquanto co-ocupação também demonstrou-se uma potente alternativa lúdica ao desenvolvimento integral infantil.

Assim, a pesquisa apresenta benefícios à ciência ocupacional, principalmente pela escassez de estudos e trabalhos da Terapia Ocupacional com essa temática, compreendendo a contação de histórias com potencialidades ocupacionais quanto ao fazer infantil. Ademais, os terapeutas ocupacionais podem realizar análise das rotinas familiares, das co-ocupações

familiares, sendo também um potente recurso terapêutico para um variável público infantil e sobre sua influência para o desenvolvimento ocupacional infantil; assim, expandindo o foco de atuação terapêutica ocupacional.

Com o acesso aos resultados da pesquisa pelas famílias, é possível beneficiar as mesmas em virtude da compreensão dessa co-ocupação e inserção da mesma em suas rotinas, de tal maneira entenderem os benefícios ao cotidiano e as técnicas lúdicas como mediadores da co-ocupação, as quais envolve o próprio ato de contar histórias, mas também o ambiente para promover experiências fraternas prazerosas, além de promotoras da participação positiva e ativa da família ao desenvolvimento infantil como um todo. Observa-se ainda ser uma alternativa lúdica para diminuição do uso de aparatos tecnológicos, estimulando o hábito da leitura para a criança futuramente.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Casa de Ideias, 2016.

BRUNKHORST, G. P. S.; FERREIRA, L.; RIBEIRO, E. **Contação de história como um incentivo ao hábito da leitura**. Monografia de Graduação – Universidade Federal do Paraná. 2012. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/40546>>. Acesso em: 2 de nov. de 2023.

BUSATTO, C. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis, RJ: Editora: Vozes, 2011.

CABRAL, L. G. **Os ambientes de contação de história e o que eles podem nos dizer: a experiência de contar e ouvir história em uma escola da rede estadual de ensino em Santa Catarina**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Santa Catarina. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/196369>>. Acesso em: 2 de nov. de 2023.

CARDOSO, A. L. S.; FARIA, M. A. A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, 2016. Disponível em: <https://www.historiapt.info/pars_docs/refs/8/7700/7700.pdf>. Acesso em: 2 de nov. de 2023.

COSTA, P. E.,; RIBEIRO, J. S. M. A importância de contar história na educação infantil. **Revista eletrônica científica inovação e tecnologia**, 2017. 8,1-22. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/view/e-4771/pdf_1>. Acesso em: 2 de nov. de 2023.

CUNHA, J. H. D. S. *et al.* A experiência da Terapia Ocupacional com contação de histórias em uma instituição educacional. **Cadernos de Terapia Ocupacional UFSCar**. 23, 221-225, 2015. Disponível em:

<<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1235>>

. Acesso em: 2 de nov. de 2023.

GOMES, M. D.; TEIXEIRA, L.; RIBEIRO, J. **Enquadramento da Prática da Terapia Ocupacional Domínio & Processo-traduzida**. 4^o edição. 2021.

<https://doi.org/10.25766/671r-0c18>

LIMA, T. L. B. K.; LIMA FILHO, I. A. L.; FALCÃO, I. V. Possibilidades da narrativa como recurso terapêutico ocupacional. **Revista Ocupación Humana**, 2014. 14 (2), 23 – 26.

MARQUES, A.; TRIGUEIRO, M. J. **Enquadramento da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo**. Port: Livpsic, 2011.

SILVA, E. C. D. Uma boa história, um bom contador, uma criança e a imaginação: características da contação de histórias. **Revista Educação Pública**, 2021. 21, (7) 2-3.

Doi: 10-18264/REP

PALAVRAS-CHAVE: Terapia Ocupacional. Leitura. Desenvolvimento infantil.

**ANUÁRIO DO CURSO DE
TERAPIA OCUPACIONAL**

Memorial



SEÇÃO ESPECIAL



TRAJETÓRIA ACADÊMICA, PROFISSIONAL E CLÍNICA: MINHAS EXPERIÊNCIAS NA TERAPIA OCUPACIONAL

Ana Irene Alves de Oliveira¹
Profª. Titular da Universidade do Estado do Pará
Terapeuta ocupacional, Doutora em Teoria e Pesquisa do Comportamento
Universidade Federal do Pará
anairene25@gmail.com

Este manuscrito tem como objetivo apresentar o memorial, resumidamente, da minha trajetória de formação acadêmica, profissional e clínica, *não somente citar os fatos, acontecimentos e produção durante esse percurso, mas, sobretudo, descrever os princípios que nortearam a minha inserção na vida acadêmica nos seus diferentes âmbitos – assistência, ensino e pesquisa.*

Para iniciar a contextualização do meu memorial, é imprescindível relatar um pouco da trajetória pessoal e profissional que tenho percorrido, para, doravante, contextualizar a minha atuação acadêmica e profissional.

Nasci na cidade de Fortaleza/CE, onde cursei Terapia Ocupacional, de 1979 a 1982, na Universidade de Fortaleza (Unifor). Inicialmente, a minha opção para o vestibular seria medicina, mas, ao entrar na faculdade, logo me encantei com a área, o que me fez sempre manter um bom envolvimento acadêmico e científico, e através da possibilidade de cursar disciplinas de férias, concluí o curso em três anos e seis meses, finalizando-o, assim, em 1982.

Apesar de gostar muito da Terapia Ocupacional, fiz vestibular, em 1980, para Psicologia, na Universidade Federal do Ceará (UFC), onde fui aprovada, conseguindo cursar os dois cursos ao mesmo tempo. Mas somente em 1990, já residindo em Belém, concluí o curso de Psicologia.

“Iniciando uma trajetória de muito crescimento pessoal, rompendo o cordão umbilical e partindo para novos desafios. Rumo ao desconhecido. Vários sonhos. Construção, (des)construção e (re)construção da identidade.”

Em 1984, vim residir em Belém por questões de ordem pessoal, pois casei e o meu cônjuge veio transferido para essa bela cidade, que me acolheu e pela qual me apaixonei.

¹ Currículo Lattes disponível em: <https://lattes.cnpq.br/8839751954613395>.

Logo, ao chegar, me engajei no projeto de implantação do curso de Terapia Ocupacional na

antiga Fundação Educacional do Estado do Pará (FEP)/Faculdade Estadual de Medicina do Pará (FEMP), participando de forma ativa na construção curricular e na implantação do curso de Terapia Ocupacional, ministrando no dia 15 de abril de 1985 a aula inaugural. E mesmo tendo sido fundadora do curso, somente fui contratada em fevereiro de 1986, me submetendo ao concurso público para a carreira docente em fevereiro de 1987.

Paralelamente à docência, tive uma atuação clínica por vinte e oito anos, como Terapeuta Ocupacional da Secretaria de Saúde do Estado do Pará (Sespa). Inicialmente, atuando na saúde mental e, posteriormente, atendendo crianças e adolescentes com desenvolvimento atípico, o que já me indicava a necessidade de investigação científica nessa linha.

Ao ser contratada pela Sespa, em 1986, fui lotada no Hospital Psiquiátrico “Juliano Moreira”, que atendia pacientes psiquiátricos agudos de ambos os sexos. Com o desenvolvimento de um trabalho que se sobressaiu, fui indicada pela Coordenação de Saúde Mental da Sespa para integrar um Grupo de Trabalho (GT) junto à Divisão Nacional de Saúde Mental (Dinsam), do Ministério da Saúde, participando mensalmente de reuniões de discussão sobre as políticas e diretrizes da saúde mental no país, gerando a minha primeira publicação, em 1990, um manual sobre as orientações e supervisão dos serviços de saúde mental no Brasil.

Em 1990, com a proposta da reforma psiquiátrica no país, a saúde mental no estado passava por reformulações. Naquele momento, participei da elaboração do projeto da implantação da ala psiquiátrica do Hospital de Clínicas Gaspar Viana.

Acreditando numa política antimanicomial, participei da discussão da criação do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), com a perspectiva da desinstitucionalização dos doentes psiquiátricos com a implantação de uma rede de apoio ao doente e à família.

O sistema de saúde mental do país e do estado me gerou muitas decepções, me levando a partir para a saúde numa perspectiva do neurodesenvolvimento.

Com essa nova perspectiva, fui convidada para atuar na Associação de Pais e Amigos de Excepcionais (APAE), ficando lotada pela Sespa, do final de 1991 até meados de 1994. Foi o despertar da paixão pelas crianças e adolescentes com alterações de desenvolvimento. Esse fato direcionou, a partir daí, todos os meus estudos, projetos e investigações de assistência, ensino e pesquisa.

Os desafios como docente me fizeram sentir a necessidade de me capacitar, como não havia cursos de especialização específicos na área, apresentei uma proposta de um curso de especialização específico para terapeutas ocupacionais, lançado pela FEP, coordenado por mim e pela diretoria de ensino, acontecendo em 1991, e trazendo todos os docentes de

renome do país, naquela época, para ministrar disciplinas no referido curso, sendo o primeiro curso de especialização para terapeutas ocupacionais no Brasil, desencadeando em outras universidades e outras faculdades cursos similares.

Como resultado das inquietações geradas durante o curso de especialização, já no final de 1992, iniciei uma discussão para a reformulação do projeto pedagógico, sendo, portanto, a coordenadora do GT para a construção do novo projeto pedagógico, conseguindo implantar a partir de 1993 uma nova proposta de projeto pedagógico.

Este projeto foi inovador e ousado, pois apresentava mudanças curriculares que foram seguidas por diversas universidades do Brasil, propondo questões que apontavam para uma metodologia de ensino baseada na problematização do ensino, no rompimento de paradigmas tradicionais, tanto na avaliação como no sistema de ensino-aprendizagem, na relação teoria-prática, propondo ação-reflexão-ação, e esse trabalho culminou na minha segunda publicação, o projeto pedagógico do curso de Terapia Ocupacional.

Com as intervenções clínicas associadas à docência, senti a necessidade de partir para outra especialização, agora um curso mais de aperfeiçoamento na área técnica. Em 1993, no período de maio a agosto, fui para São Paulo fazer o “Curso Bobath”, que me deu bases teóricas e técnicas para atuar com as questões neuro-motoras de crianças com alterações de desenvolvimento, principalmente com as que apresentavam sequelas de Paralisia Cerebral (PC).

Participei, também, na mesma época, em São Paulo, de um Curso de Capacitação em Integração Sensorial, que contribuiu para uma atuação com enfoque mais amplo e também colaborou para o delineamento da trajetória científica.

Em 1994, com a criação da Universidade do Estado do Pará (UEPA), fui convidada a assumir a função de coordenadora de curso e, naquele momento, me desliguei temporariamente da função técnica da Sesp para assumir integralmente as funções docentes e administrativas.

De 1996 a 2010, fui idealizadora e sócia fundadora do Centro de Desenvolvimento Infantil (CEDI), um centro especializado em tratamento de crianças com alterações de desenvolvimento, com enfoque clínico, pedagógico e social.

Em 1997, tive a oportunidade de fazer um intercâmbio no Passaic County Elks Cerebral Palsy Center em New Jersey (EUA), centro de tratamento de PC. E, pela primeira

vez, tive contato com a Tecnologia Assistiva, o que me impulsionou a pesquisar sobre o assunto.

Também em 1997, fundei a Associação de Assistência à Criança Deficiente da Amazônia (ACDA), onde fui presidente e sempre trabalhei na diretoria. Com o objetivo de realizar projetos dedicados às áreas da pesquisa, da educação e da saúde, contribuindo para a inclusão social da criança deficiente.

No período de 1996 a 2004, a convite da direção do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, assumi a coordenação de Apoio ao Desenvolvimento da Pesquisa, Extensão e Pós-graduação (COAD/CCBS). Na COAD, trabalhei com o objetivo de estimular a elaboração de projetos e acompanhar o desenvolvimento das atividades de pesquisa, extensão e pós-graduação do CCBS. Em especial, elaborei e coordenei, em 1998, o projeto do curso de Especialização em Motricidade Humana, e, em 1999, elaborei e coordenei o projeto do curso de Especialização em Abordagem Interdisciplinar com Portadores de Deficiências. Em 2000, elaborei o projeto do curso de Especialização em Desenvolvimento Infantil, que coordenei todas as suas versões. Em 2000, colaborei com a elaboração do projeto do curso de Especialização em Psicomotricidade e Especialização em Reabilitação Neurológica. Durante a minha gestão na COAD o CCBS, ofereceu-se 29 cursos de pós-graduação lato sensu.

Entre 2004 e 2008 atuei também, como terapeuta ocupacional, na Unidade de Referência Materno Infantil – URE/MIA pela SESP, com atendimento em avaliação e estimulação precoce de crianças com alterações no desenvolvimento.

A intenção de cursar uma pós-graduação stricto sensu, que atendesse às minhas expectativas e como coordenadora da COAD/CCBS, busquei alternativas para a implantação de um mestrado dentro da instituição, sendo assim, participei da elaboração do Projeto de Mestrado em Motricidade Humana, articulado com outras instituições de ensino do país e de fora do país. Participei também da discussão da criação de outros programas de mestrado em convênio com outras instituições na modalidade Minter.

Ao ser aprovado o **Programa de Mestrado em Motricidade Humana**, participei do processo seletivo. Fui aprovada e cursei entre 2002 e 2004. Realizei minha pesquisa com a dissertação “A contribuição da tecnologia no desenvolvimento cognitivo de crianças com Paralisia Cerebral” e, fazendo parte deste estudo, desenvolvi o *Software* Desenvolve®, com condições de acessibilidade, para poder avaliar e favorecer o ensino de pré-requisitos de leitura e escrita por meio de recursos adaptados.

Com este *Software*, ganhei, em 2005, o prêmio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), Região Norte, na Categoria Inovação Social. Em 2007, ganhei menção honrosa no

Prêmio Finep, ganhando também, no mesmo ano, o Prêmio Nacional Direitos Humanos da Presidência da República, na categoria Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência.

Antes de concluir a minha pesquisa de mestrado, em 2004, aprovei um projeto encaminhado para o comitê Pará Missouri pelos Partners of American para participar de um intercâmbio em St. Louis, Missouri (EUA), com enfoque na experiência da Educação Inclusiva e Recursos da Tecnologia Assistiva, oportunidade em que visitei doze escolas, das quais, oito de ensino regular com Educação Inclusiva, quatro de Ensino Especial e três instituições administrativas que possuem envolvimento com a área.

Com base nas experiências adquiridas em St. Louis, em 2005, elaborei o projeto do Núcleo de Desenvolvimento em Tecnologia Assistiva e Acessibilidade (Nedeta), que foi aprovado com captação de recursos pela Finep e foi implantado em 2006, possibilitando, assim, a criação de um grupo multi e interdisciplinar de pesquisa nessa área, que funciona até hoje, já com 19 anos.

O Nedeta vem desenvolvendo, sob a minha coordenação, pesquisas básicas e aplicadas, P&D, contando com um grupo, em média, de vinte acadêmicos atendendo crianças e adolescentes, inicialmente, com PC e atualmente com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outros diagnósticos, realizando investigações e estudos, conseguindo, pelo impacto social da atividade exercida, captar recursos da própria universidade, de agências de fomento, como Finep, Fapespa, CNPQ, Capes e MCTI, mantendo a interface dos projetos com o ensino e a assistência.

Com o desejo de continuar as minhas pesquisas e buscando uma maior titulação, me motivei a aprofundar os conhecimentos em Tecnologia Assistiva, integrada com Tecnologia de Ensino, o que me fez ingressar, em 2007, no **Programa de Doutorado em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento**, da Universidade Federal do Pará (UFPA), tendo a oportunidade de sistematizar esta pesquisa com dois estudos baseados na Análise Experimental do Comportamento, propondo o uso das tecnologias de ensino aliadas à Tecnologia Assistiva.

“Doutorado: Um resgate das duas identidades profissionais! Oportunidade de integrar o meu conhecimento com a Tecnologia Assistiva e Tecnologia de Ensino e estabelecer a interface entre a Terapia Ocupacional e a Psicologia.”

A partir dos dois intercâmbios nos EUA, dos estudos realizados durante o programa de mestrado, doutorado e a constituição do Nedeta, houve uma maior interação com grupos de pesquisa e órgãos de fomento, tanto locais como nacionais, o que possibilitou um maior

fluxo na elaboração de projetos, na produção de trabalhos científicos, que culminaram em um aumento de publicações de artigos, capítulos de livros, organização de livros, organização e participação em eventos na área.

Em 2009, participei do grupo de pesquisa “Laboratório de Estudos do Comportamento Complexo”, certificado pela UFPA, com duas linhas de pesquisa: Análise do Comportamento: desenvolvimento de tecnologia comportamental; e Análise Experimental do Comportamento: Processos Psicológicos Básicos.

Também em 2009, integrei o grupo de pesquisa “Processos interativos, aprendizagem e cultura”, certificado pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), com duas linhas de pesquisa: Processos Inclusivos, Tecnologias Assistivas e Cultura; e Processos Interdisciplinares, Tecnologias e Redes Sociais.

Com a minha temática de pesquisa delineada, criei, em 2010, o grupo de pesquisa “Inovação Tecnológica e Inclusão Social”, certificado pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), com três linhas de pesquisa: Desenvolvimento típico e atípico; Inclusão Social; e Tecnologia Assistiva, que foi atualizada recentemente para “Inovação tecnológica, Inclusão social, Desenvolvimento Infantil e Integração Sensorial”, com quatro linhas de pesquisa: Desenvolvimento típico e atípico, Inclusão Social, Integração Sensorial e Tecnologia Assistiva

Também em 2010, compus o grupo de pesquisa, certificado pelo Instituto Federal do Mato Grosso, “Viver Diferente, mas não desigual”, com quatro linhas de pesquisa: Comunicação, Tecnologia Assistiva e Artes; Educação a Distância Inclusiva; Formação de Profissionais e Práticas Pedagógicas na Perspectiva da Inclusão; e Movimentos Sociais, Políticas e Cultura Inclusiva. Desde 2015, integro o grupo de pesquisa “Tecnologias Sociais”, como sub-líder, do Centro Universitário do Pará (Cesupa).

Durante a carreira docente, tive oportunidade de exercer diferentes funções, como docente, pesquisadora, orientadora, funções administrativas, colaboradora em comitês, comissões e grupos de trabalho.

Em 2012, me submeti ao concurso para professora titular da UEPA, concorrendo através de prova de títulos, defesa de memorial e avaliação de participação em projetos de ensino, pesquisa e extensão, com fomentos internos e órgãos externos, na qual obtive a nota de aprovação por excelência.

Com a implantação do Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, o Programa Viver Sem Limites, em 2011, foi deflagrado, em nível estadual, a criação do GT para a construção e implantação do Plano Estadual de Ações Integradas à Pessoa com

Deficiência, “Plano Existir”, sendo convidada pelo Governo do Estado do Pará para compor um GT, onde atuei de forma ativa em todo o processo de discussão, delineamento e implantação, culminando no seu lançamento em outubro de 2012, tendo como objetivo promover ações integradas entre as diversas políticas públicas, visando à garantia da cidadania, inclusão e maior autonomia das pessoas com deficiência no estado do Pará.

A partir das políticas públicas federais e estaduais sobre as pessoas com deficiência, vislumbramos a oportunidade de ampliar as ações de assistência e extensão da UEPA e articulamos com a Coordenação de Apoio à Pessoa com Deficiência do Estado do Pará (Sespa) e com o Ministério da Saúde a habilitação da Unidade de Ensino Assistência de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (UEAFTO), em Centro Especializado de Reabilitação (CER) Tipo II, para a realização de serviços assistenciais e de reabilitação em saúde, com atendimentos de deficientes físicos e intelectuais, sendo aprovado pela Portaria n. 496 (SAS/MS), de maio de 2013. O trabalho gerou muitos resultados positivos e, novamente, articulamos para ampliar as ações e habilitar o serviço em CER Tipo III, para atendimento de deficientes físicos, intelectuais e auditivos, e, em dezembro de 2019, conseguimos a habilitação através da Portaria n. 3.164 (SAS/MS), passando, portanto, a constituir-se, além da assistência, em um espaço para a formação prática, no qual, os discentes desenvolvem ações de assistência à comunidade, supervisionados por técnicos e docentes profissionais da Universidade.

Com o déficit de fonoaudiólogos para atender à demanda, no estado do Pará, idealizamos a criação do curso de graduação em Fonoaudiologia. Constituímos um GT para a elaboração do projeto político pedagógico do curso. Em 2016, começou a tramitar para aprovação e, em 2021, teve a sua implantação, compondo assim o tripé da reabilitação dentro da UEPA, com os cursos de Terapia Ocupacional, Fisioterapia e Fonoaudiologia.

Com a grande demanda de pacientes com necessidades de OPMs (órtese, prótese e meios auxiliares de locomoção) e como já tínhamos o laboratório de Tecnologia Assistiva (Labta/Nedeta), resolvemos articular, novamente, com a Coordenação de Apoio à Pessoa com Deficiência do Estado do Pará (Sespa) e com o Ministério da Saúde para habilitar o Labta e construir uma oficina ortopédica fixa. Em 2018, foi aprovado a construção de um novo espaço para a oficina e em 2019 ocorreu a sua habilitação pelo Ministério da Saúde, Portaria n. 3170, de dezembro de 2019, sendo inaugurado o novo prédio em janeiro de 2024. A Oficina Ortopédica fixa da UEPA se constitui num amplo espaço de ensino, pesquisa e extensão nessa área.

Em 2019, fui provocada e convidada pela Integris Cursos e Eventos para criar e desenvolver um curso de formação, “Certificação Brasileira em Integração Sensorial”, como coordenadora acadêmica e técnica. A partir daí, coordenei um grupo de profissionais, terapeutas ocupacionais, com *expertise* em integração sensorial, para elaborar um projeto inovador, avançado e desafiador para essa área no Brasil. No início de 2020, o projeto foi aprovado com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão/UEPA como parte das ações do Nedeta, Processo n. 2020/138290.

Esse curso tem apresentado resultados bastante significativos, considerando que conseguimos capacitar, até junho de 2024, em torno de quase 300 profissionais terapeutas ocupacionais na área, e continuamos capacitando em torno de 140 profissionais por ano, considerando que são duas turmas em Belém, com a Universidade do Estado do Pará (UEPA), vinculadas ao Núcleo de Desenvolvimento em Tecnologia Assistiva e Acessibilidade (Nedeta), com o apoio da pró-reitoria de extensão, realizada na UEAFTO/CER III, e uma em Fortaleza, com o apoio da Universidade do Parlamento Cearense (Unipace), realizada no Centro Inclusivo para Atendimento e Desenvolvimento Infantil (Ciadi), da Assembleia Legislativa do Ceará, suprimo uma necessidade nacional de qualificação, pois os cursos oferecidos, até então, eram internacionais, dificultando o acesso a essa formação, e descontextualizados da realidade brasileira, além de que a proposta do curso brasileiro é o tripé teoria, prática e pesquisa. Com a finalização de cada turma, é produzido um *e-book* como fruto do trabalho de pesquisa dos alunos com orientação dos docentes, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, já sendo publicadas sete coletâneas com ISBN e DOI, com mais duas em preparação para finalização ainda em janeiro de 2025.

Demonstro, a seguir, nos quadros 1, 2, 3 e 4, a minha participação e produção durante a trajetória acadêmica e profissional.

Quadro 1 - Projetos

Projetos	Quantidade	Fomento Interno	Fomento Externo
Projetos de Pesquisa	12	06	06
Projetos de Extensão	06	04	02
Projeto de Ensino (Especialização, Mestrado, outros)	10	08	02
Projetos & Desenvolvimento	05	-	05
Participação em projetos de outras IES	04		

Fonte: [Currículo Lattes](#).

Quadro 2 - Produções

Produções	Quantidade
Artigos completos publicados em periódicos	14
Livros publicados/organizados ou edições/ <i>E-books</i>	25
Capítulos de livros	73
Textos em jornais de notícias/revistas	04
Trabalhos completos publicados em anais de congressos	53
Resumos expandidos publicados em anais de congressos	08
Resumos publicados em anais de congressos	54
Artigos aceitos para publicação	06
Apresentações de Trabalho	71
Outras produções bibliográficas	09

Fonte: [Currículo Lattes](#).

Quadro 3 – Orientações, supervisões, bancas e consultoria

Orientações e supervisões	Quantidade
Mestrado	02
Monografias de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização	06
Trabalho de conclusão de curso de graduação	23
Bancas	Quantidade
Doutorado	04
Mestrado	07
Especialização	63
Graduação	22
Concurso Público	09
Avaliadora e consultora Ad hoc	28
Outros	07

Fonte: [Currículo Lattes](#).

Quadro 4 - Inovação, Patentes e Registros

Descrição do Produto	Patente
Roupa biocinética para auxílio no tratamento de crianças com deficiência neuromotora. 2013.	Patente: PI00012013, data de depósito: 07/01/2013, título: “ROUPA BIOCINÉTICA PARA AUXÍLIO NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA NEUROMOTORA”, número: BR102013004138-6
<i>Software</i> DESENVOLVE. 2004.	Patente: Programa de Computador. Número do registro: 07703-6, data de depósito: 10/10/2006, título: “DESENVOLVE”.
<i>Software</i> BRINCANDO COM A LEITURA PARA DISPOSITIVO ANDROID	Patente: Programa de Computador. Número do registro: 000805-1, data de registro: 01/08/2017, título: "BRINCANDO COM A LEITURA PARA DISPOSITIVO ANDROID"

Fonte: [Currículo Lattes](#).

Apesar de estar aposentada, oficialmente, da docência, desde 2022, continuo atuando na gestão e na pesquisa, na coordenação geral do CER III e oferecendo supervisão e consultoria para técnicos, docentes e discentes, além de contribuir na Certificação Brasileira em Integração Sensorial.

Fazendo uma reflexão sobre esses 42 anos como terapeuta ocupacional, chego a conclusão que minha história de vida se entrelaça completamente com a vida profissional e acadêmica. Cheguei no Pará há 40 anos, com três dias de casada, construí uma família linda com dois filhos e um neto e tenho a convicção que me empenhei em todos os projetos que me envolvi. Continuo acreditando nos meus sonhos, com muita gratidão a Deus e à minha família por me apoiar e respeitar as minhas ideias e perdoar em muitos momentos a minha ausência, pois conciliar família e trabalho não é uma tarefa fácil. É necessário compreensão e parceria para administrar as rotinas de uma vida acadêmica, técnica e familiar.

Ser professor é acalentar sonhos. Realizar desejos, mostrar caminhos. Partilhar alegrias... Conviver com as tristezas.
Transformar planos em realidade.
Ser terapeuta ocupacional é saber navegar no mar das diferenças...

(autor desconhecido) Para mais informações e materiais publicados, acesse meu [Currículo Lattes](#).